



**EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS SOBRE E POR PESSOAS
DO DISTRITO DO GRAJAÚ – SÃO PAULO**



SABERES, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS: EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS SOBRE E POR PESSOAS DO DISTRITO DO GRAJAÚ - SÃO PAULO

Coordenação e Pesquisa:

Abigail A. de Paiva Franco

Pesquisa:

Alberta Emília Dolores de Goes

Edna Ferreira

Gracielle Feitosa de Loiola

Izaura Benigno da Cruz

Coord. NCA-SGD e Projeto Integrado:

Eunice Teresinha Fávero

Capa e diagramação:

Mariana Lucio @jamburana.pinturas

Pesquisadoras convidadas do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes
– ênfase no Sistema de Garantia de Direitos/NCA-SGD/PPGSS-PUC-SP
coordenado pela profa. Eunice Teresinha Fávero :

Abigail Franco, Alberta Goes e Gracielle Loiola – profas. doutoras em Serviço Social;

Edna Ferreira – profa. doutora em Educação;

Izaura Benigno – assistente social.

ATENÇÃO! ESTE É UM DOCUMENTO INTERATIVO. CONHEÇA AS FUNÇÕES DISPONÍVEIS:



IR PARA **LINK EXTERNO**



RETORNAR AO **SUMÁRIO**



VER **NOTA DE RODAPÉ**



OCULTAR **NOTA DE RODAPÉ**

“Periferia em Movimento é desconforto.
Os olhares tortos, a origem rejeitada, o endereço alterado no currículo.
Os muros invisíveis que enclausuram nossas casas amontoadas.
O ônibus que não passa, **a educação que não liberta, a saúde que não basta.**
Periferia em Movimento é vigília. É quem nunca dormiu enquanto o gigante despertava.
A mulher julgada no trabalho, apressada na rua, silenciada em casa.
A travesti, geralmente sem escolha e sem direito:
ao afeto, à família, muitas vezes à vida.
A juventude insegura, sem trabalho nem renda, sem direito de sonhar.
A criança, a pessoa idosa, com deficiência que não é levada em conta. Não é ouvida.
Periferia em Movimento é o grito na garganta a cada corpo que sangra nos becos e vielas.
A pessoa encontrada pela bala perdida.
O silêncio ensurdecedor da falta de justiça.
O autoritarismo – oficial ou paralelo.
A cabeça que se levanta.
O luto que vira luta.
Periferia em Movimento é resistência. Negrindígena, nordestelatina.
Cultura de rua, poesia de bar, teatro de represa, cinema de garagem.
Potência X carência.
Empoderamento X apropriação.
Identidade X Pasteurização.
Sonhar de olhos abertos, sem tirar os pés do chão.
Periferia em Movimento é periferias, no plural.
Vozes que ecoam contra a narrativa homogênea do centro.
Dedo apontado para a falsa imparcialidade.
Posição, opinião e autocrítica pra reconstrução.
Olho no olho. De dentro pra dentro.
Batalha cotidiana pela coerência entre discurso e prática.
Periferia em Movimento **é busca por emancipação.**
Catraca pulada, lona esticada, recado pixado no muro da escola.
Passo apertado, punho cerrado, esperança no peito e sorriso no rosto.
Pra honrar a memória de nossas ancestrais. Pra findar o moinho de gastar gente.
Pra tomar o que é nosso por direito.
Periferia em Movimento é Jornalismo de Quebrada! Contra a lógica da necropolítica,
reivindicamos a sacralidade dos nossos corpos.
Produzindo notícias, registrando memórias e saberes.
Periferia em Movimento somos todas, todos e todes nós!”

Fonte: Nosso Manifesto, Periferia em Movimento (grifo nosso)

“A Periferia em Movimento é uma produtora independente de jornalismo de quebrada que gera e distribui informação dos extremos aos centros de poder, com objetivo de descentralizar as narrativas e promover a garantia de direitos a partir do protagonismo periférico e de quem está nas frentes de luta”. Periferia em Movimento. Quem Somos. Disponível em: _____

Acesso em: 3 out. 2022.

Para conhecer a história da Periferia em Movimento, indicamos a leitura do livro Repórter da quebrada: experimentações marginais nas práticas jornalísticas (2022), organizado por Aline Rodrigues. Disponível na versão on-line em: _____

Acesso em: 15 fev.2023.



SUMÁRIO

Apresentação	<u>7</u>
Introdução	<u>8</u>
1 Apresentação das Mídias Audiovisuais Catalogadas	<u>10</u>
PARTE 1: Vídeos YouTube	<u>13</u>
“Grajaú, onde minha história começa”	<u>14</u>
Conheça o projeto vencedor da Categoria III do Prêmio Paulo Freire 2020	<u>15</u>
Um país chamado Grajaú – EMEF Padre José Pegoraro	<u>16</u>
Grajaú – História do bairro de São Paulo	<u>18</u>
#Matriarcas: Adélia Prates	<u>20</u>
Grajaú tem grafitação feminista contra “Top 10” e machismo	<u>22</u>
Moradores da região do Grajaú estão sem Pronto-Socorro há mais de 3 meses	<u>23</u>
Inaugurada Unidade de Pronto Atendimento na região do Grajaú	<u>24</u>
Seu bairro, nossa cidade – São Paulo – Grajaú	<u>25</u>
Grajaú – na Boca da Belmira	<u>26</u>
Um país chamado Grajaú	<u>28</u>
Grajaú	<u>29</u>
Um giro no Grajaú – O Giro da Periferia	<u>30</u>
Do Grajaú a Santo Amaro – A evolução do bairro (parte 1)	<u>32</u>
Grajaú meu país (parte 2)	<u>33</u>
Parque do Grajaú reúne arquitetura, urbanismo e natureza, e pede mais atenção: o Cantinho do Céu	<u>35</u>
Mel por aí: Conheça o bairro de Grajaú	<u>37</u>

VLOG Lugares Baratos para Conhecer no Grajaú – Desafio Méliuz	<u>38</u>
Grajaú, um desenho de cultura	<u>39</u>
Entrevista com o grafiteiro e socioeducador do Ateliê Daki Gelson	<u>41</u>
Documentário “Grajaú conta Dandaras, Grajaú conta Zumbis	<u>42</u>
História do Coletivo Expressão Cultural Periférica.....	<u>43</u>
“Pagode da 27” faz roda de samba no Grajaú	<u>44</u>
Fomos conhecer o Cantinho do Artista	<u>45</u>
CRIOLO fala sobre a CULTURA no GRAJAÚ	<u>46</u>
Futebol e solidariedade: o Natal dos Meninos do Brejo, no Grajaú, zona sul de SP	<u>47</u>

PARTE 2: Podcasts

.....	<u>48</u>
Na ponta do Esmeralda, um pulo no Grajaú	<u>49</u>
“Estrela do 3º Milênio”: a escola de samba do Grajaú	<u>50</u>
Conheça Joseph Rodriguez, multiartista trans do Grajaú	<u>51</u>
Quebra das ideias Especial PCDs # 03 Como é o dia a dia das pessoas com deficiência na quebrada?	<u>52</u>
O ECA Resiste! Crianças e adolescentes e os 31 anos de luta	<u>53</u>
Grajaú, identidade e afetividades	<u>54</u>
Grajaú: Arte, educação e cultura	<u>55</u>
Depoimentos. O que Grajaú representa pra você?.....	<u>56</u>
Grajaúventude reforça o funk consciente e sua democratização na periferia	<u>57</u>
Um país chamado Grajaú: projeto escolar gera cartografia afetiva do bairro da zona sul de São Paulo	<u>59</u>

PARTE 3: Curta e média-metragem: obras cinematográficas ou videofonográficas

.....	<u>62</u>
Perifericú	<u>63</u>

Quem te Penteia? Do corte chavoso às tranças na Periferia	<u>65</u>
--	-----------

Criolo – Duas de cinco + Cócix-ência	<u>66</u>
--	-----------

PARTE 4: Outras Mídias Audiovisuais: redes Sociais – sites e aplicativos ... 67

2 Procedimentos metodológicos 68

2.1 Levantamento e catalogação de mídias audiovisuais 69

2.2 Caracterização das mídias audiovisuais: tipos e formatos 70

Considerações finais	<u>71</u>
----------------------------	-----------

Referências	<u>73</u>
-------------------	-----------

Fontes de dados	<u>75</u>
-----------------------	-----------

Vídeos YouTube	<u>75</u>
----------------------	-----------

Podcasts	<u>76</u>
----------------	-----------

Curta e média-metragem: obras cinematográficas ou videofonográficas	<u>77</u>
--	-----------

Outras mídias audiovisuais: redes sociais, sites e aplicativos	<u>77</u>
---	-----------

Lista de figuras

Figura 1	Mapa Afetivo	<u>11</u>
----------	--------------------	-----------

Lista de quadros

Quadro 1	Tipo de mídia: vídeos Youtube	<u>79</u>
----------	-------------------------------------	-----------

Quadro 2	Tipo de mídia: podcasts - Plataforma Spotify	<u>84</u>
----------	--	-----------

Quadro 3	Tipo de mídia: curta e média-metragem: obras cinematográficas ou videofonográficas	<u>86</u>
----------	---	-----------

Lista de tabela

Tabela 1	Fonte de pesquisa: mídias audiovisuais selecionadas	<u>69</u>
----------	--	-----------

APRESENTAÇÃO

Grajaú: ecoando saberes, memórias e resistências da e sobre as periferias

Nas margens dos trilhos do trem que percorre o caminho para o distrito do Grajaú, na periferia sul da cidade de São Paulo, vamos visualizando a gradativa transformação da paisagem. Dos jardins lineares planejados em uma ponta, a áreas de terra ou quase verdes sem cuidados públicos na outra, a desigualdade de classes vai se evidenciando e revelando que nessa sociedade da exploração e nessa cidade, a vida da/o trabalhador/a que habita a periferia vale menos.

Mas, atenção! O que sabemos dessa periferia, afinal? O que ouvimos e conhecemos de quem nela habita? Quais seus saberes, suas organizações, suas resistências ao descaso e à exploração? O que a pesquisa pode expressar de sua realidade social, cultural, e política, atravessando os muros da academia, aprendendo com quem faz a história no cotidiano do seu chão, contribuindo com o ecoar de suas vozes?

Sem a pretensão de dizer sobre os sujeitos que ali vivem, mas sim contribuir um pouquinho com o ecoar de seus saberes, memórias e resistências, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes – ênfase no Sistema de Garantia de Direitos, do PPGSS/PUCSP -, tem buscado aproximações com segmentos populacionais do Grajaú por meio da execução do projeto integrado de pesquisa: “Infâncias, Juventudes, Famílias e Sistema de Garantia de Direitos Após 30 anos do ECA: interinstitucionalidades, intersetorialidades, trabalho social/trabalho profissional e dinâmicas socioterritoriais. Um estudo a partir de São Paulo/SP”, aplicado em várias etapas e buscando diversas fontes, entre elas as que estão sistematizadas neste trabalho, constituído pelo levantamento de mídias audiovisuais sobre e por pessoas que habitam o distrito do Grajaú. Ou seja, por crianças, adolescentes, jovens, famílias, população enfim, que vivenciam a realidade social local e estabelecem contrapontos, se organizam de diversas maneiras, para mostrar que existem e resistem, criando contínuas e diversas expressões para ecoar a sua voz e fazer valer os seus direitos.

Sem mais rodeios, vamos então “ouvir” um pouquinho dessas vozes!

Abigail Aparecida de Paiva Franco / coordenação e pesquisa
Eunice Teresinha Fávero / Coord. NCA-SGD e Projeto Integrado



INTRODUÇÃO

“Falar de cultura no Grajaú é monstro, mano. É muita coisa! É muita coisa! Não é fácil! Até hoje não é fácil. Você imagina a 40, 50, 60 anos atrás”. Ao longo dos anos e “aos poucos essas pessoas, esses artistas, esses heróis anônimos que fizeram a parada acontecer, ofereceram mudança pra gente”. Tudo isso, no entanto, “levou tempo” e permeia “uma história, de muitas pessoas, de vários lugares do distrito, que sempre lutaram por arte e cultura na região – um fluxo de uma luta de muita gente”(CRIOLO, 2016).

Para nos aproximarmos e compreendermos um pouco do “fluxo das lutas” e do que narram esses “heroínas e heróis anônimos” que ao longo do tempo construíram essa história é que propusemos um levantamento das mídias audiovisuais produzidas sobre e por pessoas do Grajaú. De onde surgiu essa ideia? Ela começa a se formar no ano de 2019 quando foi iniciado, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes – com ênfase no Sistema de Garantia de Direitos (NCA-SGD) do PPGSS/PUC-SP, o Projeto Integrado de Pesquisa: Infâncias, Juventudes, Famílias e Sistema de Garantia de Direitos Após 30 anos do ECA: interinstitucionalidades, intersetorialidades, trabalho social/trabalho profissional e dinâmicas socioterritoriais. Um estudo a partir de São Paulo/SP . Tal projeto foi pensado para ser desenvolvido em quatro etapas, não necessariamente estanques e/ou lineares, com os resultados das etapas 1 e 2 compondo o trabalho publicado em 2022, em formato *e-book* . Tais etapas foram desenvolvidas durante o período da pandemia e apresentam alguns indicadores sociais relativos aos direitos fundamentais de crianças e adolescentes, conforme disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Para viabilizar as etapas seguintes, desde a etapa 1 iniciaram-se alguns contatos nos territórios por meios virtuais e estudos com vistas à viabilização de parcerias.

Assim, na aplicação da pesquisa, foi constatado que, entre os cinco distritos com altos índices de exclusão e exploração pesquisados, Grajaú, situado na Zona Sul da cidade de São Paulo, apresenta a maior área (92 km²) e o maior número de habitantes (360.787/IBGE 2010; 363.503/projeção SEADE 2020). Todavia, devido à sua grande área, é o que possui menor densidade demográfica (3.922 hab./km²). Comparativamente aos demais distritos pesquisados, o Grajaú “possui o menor IDH (0,754) e o maior [número] em quantidade de crianças e adolescentes (127.904)” (FÁVERO, 2022, p. 42). Esses elementos orientaram a escolha deste distrito para iniciar a etapa 3, desenvolvida em campo, por meio de encontros com a participação e escuta dos integrantes locais do SGDCA – sujeitos esses que vivenciam a realidade diretamente “no chão” do distrito.

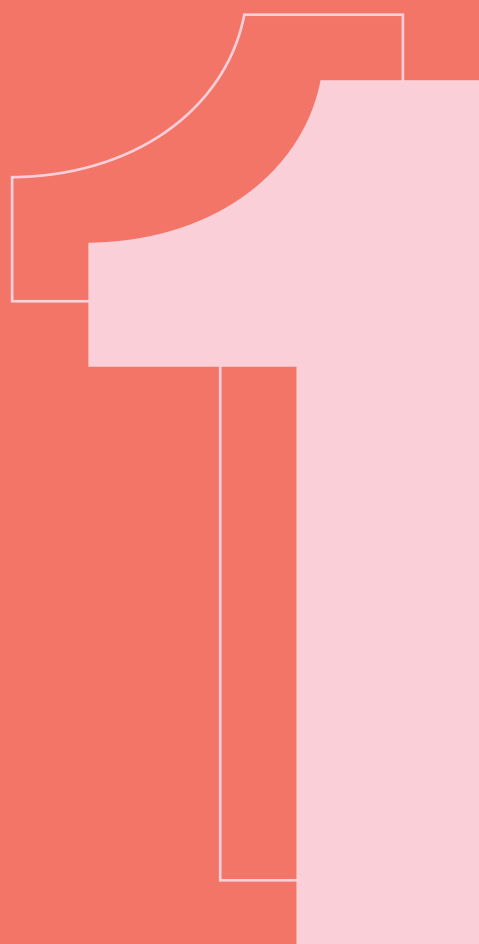
Afora esses significativos encontros, ressalta-se que também integram a metodologia de pesquisa da etapa 3 dois levantamentos: O Estado da Arte e Mídias Audiovisuais. O levantamento Mídias Audiovisuais, que ora apresentamos, objetiva a aproximação da realidade social, histórica e cultural do Distrito do Grajaú através do levantamento de mídias audiovisuais disponíveis em canais, blogs, endereços eletrônicos e outros meios e plataformas virtuais, produzidos sobre e por pessoas que nele residem, residiram e/ou que com ele estabelecem uma relação direta. As mídias audiovisuais localizadas foram publicizadas entre os anos de 2012 e 2022, em um total de 26 vídeos YouTube, 10 podcasts (plataforma Spotify), 2 curtas e 1 média-metragem e outras mídias: redes sociais – sites e aplicativos, todas categorizadas, elencadas e descritas nesta publicação, organizada em quatro partes, em formato interativo.

Podemos afirmar que a riqueza dos conteúdos acessados, veiculados nas mídias – em sua maioria, independentes e coletivas –, expressa a diversidade surpreendente e plural, as peculiaridades e singularidades das lutas na defesa de direitos humanos e nos permite entrever os contornos desse “país chamado Grajaú”, nos termos da poetisa Maria Vilani : “Grajaú é o meu país. É nele que vivo, trabalho, crio e sonho todos os meus sonhos”.

Não à toa optamos por abrir este trabalho com o “Nosso Manifesto”, construído pela “Periferia em Movimento”, que no entrelaçar das palavras, tendo como fio condutor as resistências e existências nas periferias, provoca-nos a romper “os muros invisíveis” que tanto separam, segregam e silenciam; a transformar o “luto em luta”, “produzindo notícias, registrando memórias e saberes”, ecoando vozes em um movimento coletivo.

Cientes da exortação de Criolo quanto às dimensões dessa tarefa e dos limites deste trabalho, acreditamos que ele poderá contribuir para uma aproximação da realidade social, cultural e política do Grajaú, por meio da sistematização de produções e conteúdo que têm a essência daqueles/as que lá vivem, existem e resistem, e apreendendo, nos dizeres de Bia Carvalho , que “a arte periférica resiste, tem força e potência”.





APRESENTAÇÃO DAS MÍDIAS AUDIOVISUAIS CATALOGADAS



Iniciamos nossa incursão pelas mídias audiovisuais de mãos dadas com as crianças e adolescentes que fizeram o “mapeamento afetivo” do bairro Grajaú demonstrado na **Figura 1**, que traz os aspectos culturais e ambientais, sociais, escolares e de saúde da região. Esse mapa foi elaborado por alunas/os e professoras/es da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Padre José Pegoraro, através do projeto “Um país chamado Grajaú: cartografia afetiva do bairro, sua história, personagens, coletivos e organizações sociais”, iniciado em 2019 e vencedor, no ano de 2020, do “Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal”.

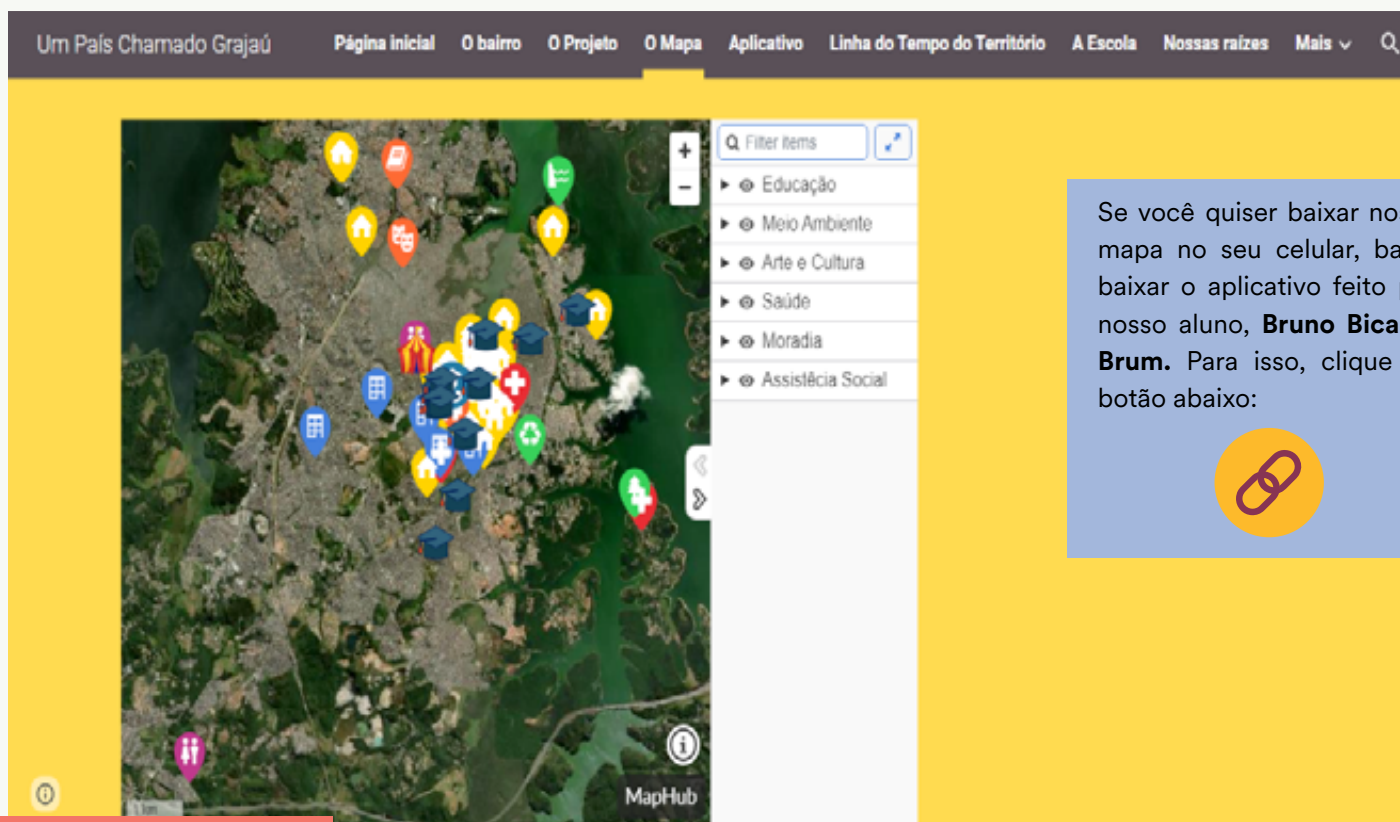


FIGURA 1 MAPA AFETIVO

E na companhia das crianças e dos adolescentes, por intermédio do mapa afetivo e também do “Nosso Manifesto”, encontramos com a potente fala de Tainá Medeiros no artigo “Representatividade do nós para nós”, publicado na “Periferia em Movimento”, que, ao refletir sobre a comunicação, nos dá a dimensão dos impactos causados pela mídia na relação estabelecida com o “povo periférico”. Para situar a perspectiva dada ao se referir à periferia, expõe a necessidade de “ir além da construção mais geral do termo que o coloca em lugar de oposição ao ‘centro’ em relação às condições econômicas, ao acesso a serviços básicos, à infraestrutura, entre outros fatores”. Para ela, além dessas características já conhecidas, “a periferia, acima de tudo, tem cor. Negros são maioria nas periferias das grandes capitais e centros urbanos, e os indicadores sociais que essa condição gera nos permitem tratar negros e periféricos praticamente como sinônimos”. Prossegue afirmando que é cena cotidiana “o quanto a mídia ainda se constitui em um espaço extremamente excludente em relação ao povo periférico, utilizando-se dele como assunto apenas quando lhe convém”. Retoma o



enfoque sobre a comunicação e avalia que, para ocorrer mudança desse paradigma do que se produz na atualidade, é necessária “em toda a cadeia de produção de conteúdo dos veículos” a inserção e a presença “do olhar e da voz do povo periférico seja ele, negro, indígena, PCD, LGBTQI+, entre outros”. Ressalta que, a despeito dessa constatação, há várias iniciativas e organizações autônomas “em relação à grande mídia” que, através da “criação independente de veículos de comunicação”, de maneira autogerida, estão abrindo caminhos no preenchimento dessas “lacunas abertas” e se tornam exemplos concretos a indicar possibilidades de “sairmos do lugar de meros objetos da mídia tradicional, destacados apenas em momentos seletivos, para nos tornarmos narradores e narradoras de nossas próprias histórias” (MEDEIROS, 2020, s/p).

Exemplos dessa resistência e desses protagonismos podem ser fartamente encontrados no conteúdo catalogado neste trabalho. Dentre eles, podemos citar, a título de ilustração, a produção do curta-metragem “Perifericú”, que “questiona o cinema branco, elitista, masculino e cisheteronormativo que é hegemônico, seja nos festivais, nos grandes circuitos comerciais ou na programação da televisão, dos cinemas e afins” (WIKIFAVELAS) .

A narrativa sobre a história do Grajaú, a cultura e a sua realidade social, em certa medida, perpassa a maioria das mídias pesquisadas. A história do bairro está amalgamada à trajetória e à vida daqueles que falam, pensam, fazem e sonham esse território para além das inúmeras vulnerabilizações e explorações às quais estão submetidas/os.

E assim seguimos nossa jornada na perspectiva de localizarmos e identificarmos as possibilidades de resistências pela arte, pela cultura e por ações cotidianas sobre a realidade social e sob a perspectiva daquelas/es que têm os pés “bem fincados no chão”.

Em busca de desenovelar o fio da história, capturamos o eco do “Manifesto” de crianças e adolescentes que habitaram esse território no ano de 2013 e que se faz bandeira de luta permanente ao afirmarem:

“nós, os alunos da EMEF Padre José Pegoraro, também sonhamos com a melhoria do Grajaú. Este documentário foi a alternativa que escolhemos para debater e divulgar **as belezas e lutas do nosso bairro**. Nossa história começa aqui!”

PARTE 1.

VÍDEOS YOUTUBE

Em nossa pesquisa, localizamos 26 vídeos que entrelaçam história, cultura, realidade social e memórias da infundável luta por direitos humanos, cujas narrativas vão tecendo finas teias – ao mesmo tempo amplas e miúdas, singelas e peculiares – que permitem entrever as tramas urdidas pelo povo a partir de suas vivências e perspectivas. Colocam a descoberto também as ambiguidades, contrastes, contradições que coexistem nas relações sociais e que permeiam as lutas para a garantia de direitos humanos. É o que fica evidenciado em diversos depoimentos – para João, “nunca fomos respeitados nos nossos direitos e a gente está lutando até hoje. O movimento de saúde, por exemplo, é um movimento que tem uns 40 anos já e a gente está batalhando sempre pra isso” . Adélia Prates, por sua vez, ressalta que a luta por creches começou no clube de mães, na igreja, que nos encontros somente as mulheres participavam, mas que na hora da luta eram homens e mulheres juntos . E outros expressam suas resistências através da música, da arte, da dança, do turismo sustentável, na identificação das transformações positivas, entre muitos outros aspectos registrados “por nós, sobre e com elas/ eles”.

Embora tenhamos organizado a coleta de dados por ordem cronológica, optamos pela exposição na sequência de assuntos, temáticas e outros aspectos que indicam uma conexão entre eles. Tanto a fonte de dados quanto a data da publicação estão disponibilizadas ao final de cada uma das descrições, o que facilita e possibilita o acesso aos vídeos em sua íntegra.

Boas descobertas!

GRAJAÚ, ONDE MINHA HISTÓRIA COMEÇA



Ao som da música “Grajaux” (Criolo) , “os alunos do EMEF Pe. José Pegoraro apresentam o documentário construído em processo de criação coletiva entre outubro e dezembro de 2013, sendo o nome do projeto sugerido pela aluna Maria Eduarda Ribeiro Lima”.



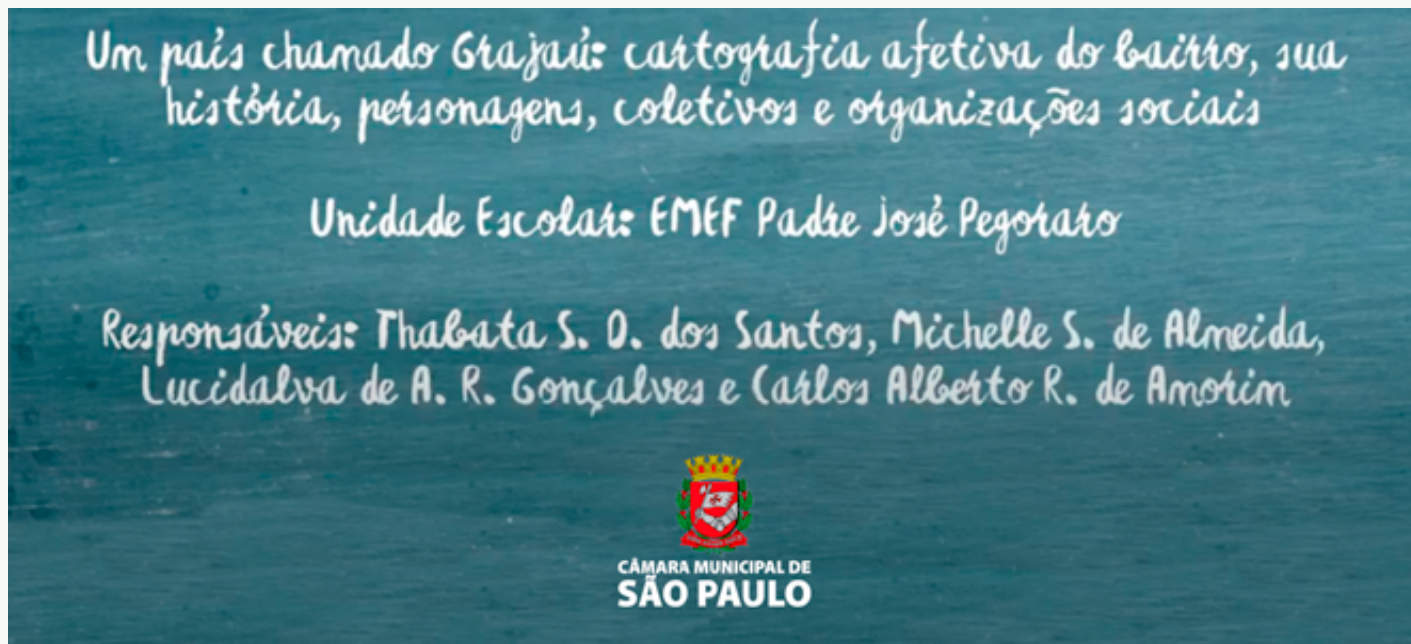
O documentário traz o depoimento de líderes comunitários, educadores, artistas que integram coletivos e de moradores que relatam a relação estabelecida com o bairro, em cujas narrativas registram a história de lutas pela garantia de direitos humanos. Podemos exemplificar com a fala de Carolina Catini (integrante da rede de comunidades extremo sul): “as pessoas ocuparam os terrenos espontaneamente logo após as manifestações de junho, começou mais de 20 ocupações aqui no território do Grajaú. E isso era uma resposta a uma política de despejo em massa, de uma especulação imobiliária, o aumento do aluguel muito grande. Então, as pessoas mesmo começaram a se organizar pra cair pra dentro. A gente está aqui brigando pra que as terras não sejam entregues pras construtoras, como eles estão fazendo e dando uma migalhinha – 100 moradias para famílias ocupadas. A gente quer as terras pra fazer autoconstrução, fazer a construção pelos moradores, construir novas comunidades aqui organizadas, sem fazer uma ocupação desordenada que nem foram as outras favelas daqui”.

Wellington (TIM) diz que “As tvs, todo mundo, as pessoas vendem muito uma indústria do medo, do problema, de tudo que tá errado. Eu acho que tem muita coisa boa também. Acho que a nossa... a minha geração está tendo a oportunidade de poder construir novos horizontes. De poder contribuir também com a cultura local. Então você vê muita gente fazendo cultura, muita gente querendo mais... melhorar, estudar também. Que é uma das coisas que a gente sempre cresceu ouvindo falar”.



Fecha o documentário o rap “Grajaú City” (adaptação de Pirituba City) , cantado pela aluna Fabílícia Santos.

CONHEÇA O PROJETO VENCEDOR DA CATEGORIA III DO PRÊMIO PAULO FREIRE 2020



O “mapeamento afetivo” do bairro Grajaú, dos aspectos culturais e ambientais, sociais, escolares e de saúde da região foi elaborado e desenvolvido coletiva e colaborativamente por alunas/os e professoras/es da EMEF Padre José Pegoraro, através do projeto “Um país chamado Grajaú: cartografia afetiva do bairro, sua história, personagens, coletivos e organizações sociais”. Foi iniciado em 2019 e vencedor em 2020 do Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal, Categoria III. O depoimento de Diego Navarro, coordenador pedagógico da EMEF Padre José Pegoraro, traduz a dimensão, a amplitude e o compromisso com o desenvolvimento do projeto quando afirma: “me apaixonei por uma rica história, me apaixonei por um projeto político-pedagógico que é real, que é vivo e de base freiriana”. Prossegue dizendo que “me apaixonei, principalmente, pelas pessoas que fazem parte dessa história e que construíram esse projeto político-pedagógico”.



Diego reitera, ainda, o valor e a importância das mobilizações e resistências dos moradores na defesa de direitos ao afirmar que “a nossa escola só existe graças à luta das mães da região que ocuparam um terreno baldio e exigiram ali, do poder público, a construção de um prédio que atendesse a seus filhos e suas filhas. Graças a essa história, temos entranhado em nosso DNA uma conexão muito forte com a nossa comunidade escolar e por isso procuramos desenvolver projetos interdisciplinares e dialógicos que consigam explorar o potencial educativo desse território”.



O vídeo apresenta o projeto “Um país chamado Grajaú: cartografia afetiva do bairro, sua história, personagens, movimentos, coletivos e organizações sociais”, desenvolvido pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José Pegoraro – Diretoria Regional de Educação Capela do Socorro.



Este projeto foi um dos dez selecionados e premiados da Rede Municipal de Ensino na 4ª edição do Prêmio Territórios. O Prêmio Territórios, iniciativa do Instituto Tomie Ohtake em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, acontece desde 2017 com o intuito de destacar projetos em andamento que conectem a escola aos territórios da cidade por meio dos diversos saberes culturais. O projeto foi realizado por alguns professores e alunos da escola, como os professores Diego Navarro (Língua Portuguesa), Carlos Alberto Amorim (Geografia) e Thabata dos Santos (Ciências), cujas falas estão presentes no vídeo: “Como a gente está falando de território, não tinha como trabalhar território dentro só da sala de aula, então a gente imaginou que tinha que sair e expandir os muros da escola”; “Eles percebem que a aprendizagem pode se dar no dia a dia, no cotidiano da vida real que eles têm e que eles podem aprender de muitas formas”; “Antigamente o Grajaú poderia ser um estigma na vida deles, hoje não é mais”.



O projeto também visou incentivar o protagonismo e a autonomia dos alunos, por meio de estratégias para construção do mapa interativo e de contatos com algumas organizações e diálogos com lideranças do bairro, além de fortalecê-los nas resoluções de conflitos: “Antes do projeto, não conseguíamos resolver os conflitos sem antes falar com a direção e com os professores. Depois que a gente se envolveu com o projeto, conseguimos resolver os conflitos nós mesmos” (Gabriela, aluna participante do projeto).



De acordo com o site da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo , o projeto alia a produção de um mapa interativo e digital, através do conceito de cartografia afetiva, com a história do bairro do Grajaú, especialmente no que diz respeito à atuação de movimentos político-culturais, organizações sociais, lideranças de bairro e a defesa do meio ambiente.



A ideia central é a ressignificação da relação dos estudantes com o bairro, ajudando-os a entender esse território como um espaço rico de histórias e personagens, em diferentes áreas de atuação, que ajudam a fazer do Grajaú um território educador. As atividades desenvolvidas são a pesquisa sobre o território, a escolha de pessoas e lugares para serem estudados, a criação de pauta para entrevista e visita aos lugares escolhidos, entrevistas e visitas a esses lugares e a produção de relatórios que, futuramente, irão subsidiar a produção do mapa afetivo.

“A visão que eu tinha pelo Grajaú era que não tinha cor. Hoje eu vejo que tem mais cores e que vale a pena morar aqui” (Mayra, aluna participante do projeto).



GRAJAÚ – HISTÓRIA DO BAIRRO DE SÃO PAULO



“Que lugar é esse, cara!
Que lugar é esse...
Aqui, no extremo sul,
no Grajaú,
é onde São Paulo começa”.

É com essa fala que a história do bairro vai sendo contada, trazendo coletivos criados por moradores do bairro e, a partir de alguns deles, projetos aprovados pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais – VAI, da Secretaria de Cultura do município de São Paulo.



O primeiro é o coletivo Imargem, definido como “ações para imagem da margem” (2007). É um jeito de se posicionar, de articular arte e política. Reflete-se sobre a ocupação do bairro em terras a baixo custo, assentada, onde a propriedade não é dos moradores. Tal ocupação remete aos anos 50, em meados da instalação do polo industrial de Santo Amaro. Mostra a balsa como meio de transporte retratada no curta-metragem “Onde São Paulo acaba” . Apresenta o adensamento das moradias, onde não há espaço vago, pois com o passar dos anos a população se apropria deles para sair do aluguel. Demarca a fronteira entre o urbano e a natureza: a relação com a água (Represa Billings) com toda sua “exuberância”.

Retrata ainda o coletivo Xemalami, definido pelo narrador como “um grupo formado por jovens, adultos, crianças, loucos e vagabundos que adotaram o xadrez em suas vidas como algo além do conceito de esporte, incorporando-o como uma ferramenta inteiramente nova de atrair as pessoas repleta de anseios e símbolos agregada à cultura hip-hop”. Em 2005, esse coletivo também passou a ser um grupo de rap. Tal proposta representa um modelo de superação com base em estratégias, conceitos de convivência e superação.

O projeto “Xadrez sem muros”, desse coletivo, foi aceito pelo VAI do município de São Paulo e discute conceitos de convivência e cooperação.

A terceira inserção é o “Projeto Morro da Macumba” iniciado pelo CEDECA, após a primeira versão do “Imargem”. Também aceito pelo VAI, traz memórias de desmatamento e da construção sob a ótica de um morador, para falar sobre memórias pessoais sobre desmatamento, dos tijolos subindo. A ideia era unir artistas da região: pintores, escultores, cartunistas, grafites para valorizar “cada artista no que tem de melhor”.

“Essas vontades foram construindo o projeto” o qual retrata o próprio bairro utilizando as fachadas das casas como tela.



A quarta inserção é do “Projeto Um Olhar”, que registra o que acontece no Grajaú através da fotografia: “Trabalhar essa história das margens com a fotografia era o que tava faltando”. Ainda através da fotografia, foi realizado um trabalho documental chamado “Projeto Pagode da 27” objetivando o retrato do cotidiano pela ótica do morador e fotógrafo.





#MATRIARCAS: ADÉLIA PRATES



“AS
PERIFERIAS
SOFREM
COM AS
AUSÊNCIAS”.



Esta frase dá início ao vídeo idealizado por Lucimeire Juventino, da Periferia em Movimento. Lucimeire vislumbra conhecer, por meio da entrevista com Adélia Prates, “mulher que é uma pedrada”. Militante, feminista, fundadora da Associação de Mulheres do Grajaú, desde os anos 70, “que cravou os alicerces para que as lutas tivessem força e que as lutas existissem até os dias de hoje”. Segundo Lucimeire “essa história precisa ser contada, essas coisas não podem ser invisibilizadas”.

Adélia Prates relata que “lutava muito pelos direitos, sem saber que era direito”. Adélia Prates é uma mulher que, mesmo diante de todas as injustiças, encontra forças para lutar. Da infância com pobreza, machismo e racismo, entre o interior paulista e a Bahia, ela chega à capital para trabalhar em casas da elite. Aprende a ler e escrever após os 20 anos, casa-se e vem morar no Grajaú, Extremo Sul de São Paulo, quando tudo ainda era mato. É neste território que Adélia age politicamente: na luta por creches, pelo pão e contra a inflação da carne, do fechamento de avenida para evitar atropelamento à ocupação de escola por melhores condições de ensino, em plena ditadura militar ela e outras mulheres cavaram os alicerces para que as lutas nas periferias ganhassem força.

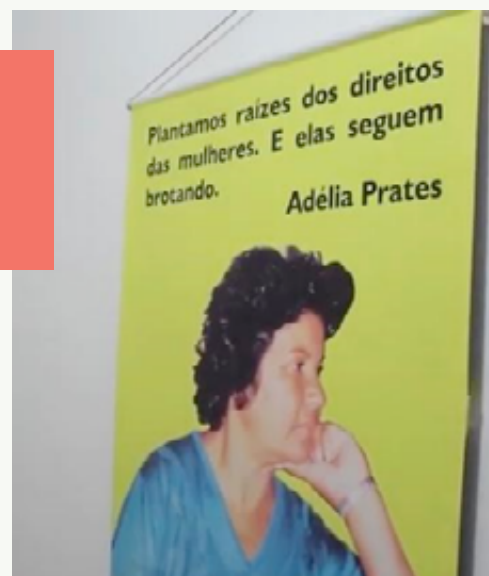




Adélia ressalta que a luta por creches começou no clube de mães, na igreja, que nos encontros somente as mulheres participavam, mas que na hora da luta eram homens e mulheres juntos. A luta teve início para aquisição de luz e água no bairro e foi ampliada para conseguir posto de saúde, hospital e melhores condições de vida, incluindo o combate à violência contra as mulheres, ao estupro e aos assassinatos. Destaca, também, a importância da participação das mulheres na luta, pois ainda há muito por que e por quem lutar. “Eu acho que usei a violência que sofri na minha infância por uma causa justa”.

“PLANTAMOS RAÍZES DOS DIREITOS DAS MULHERES. E ELAS SEGUEM BROTANDO”.

Liderança que fundou e presidiu a Associação de Mulheres do Grajaú, Adélia Prates é a primeira entrevistada de “Matriarcas”, série de reportagens idealizada pela escritora e professora da região Lucimeire Juventino e realizada pela Periferia em Movimento.



“essa história precisa ser contada, essas coisas não podem ser invisibilizadas”

“lutava muito pelos direitos, sem saber que era direito”



GRAJAÚ TEM GRAFITAÇÃO FEMINISTA CONTRA “TOP 10” E MACHISMO



A reportagem faz a cobertura do encontro organizado pelo Coletivo Mulheres na Luta para grafitar as paredes de uma escadaria no distrito do Grajaú onde existiam pichações com frases ofensivas as adolescentes da região. Apontam que “essa é só uma das formas de constrangimento que essas garotas sofrem. Elas também são vítimas do bullying digital. No youtube são publicados os vídeos conhecidos como “Top 10” que difamam e expõem a sexualidade das meninas.



Segundo Elânia Francisca (coletivo Mulheres na Luta), o “Top 10” começou como um concurso entre adolescentes – dos meninos e das meninas mais bonitas da escola –, e depois isso foi se distorcendo, distorcendo, e começou a ser usado pra explorar a sexualidade das meninas: com quem a menina sai, com quem ela fica, com quem ela deixa de ficar”.

Informa Érika Santana (coletivo Mulheres na Luta) que “lá embaixo tinha uma pichação chamando uma menina de puta”. Afirma que vieram para apagá-la e “também pra falar que tamo junto com elas e com outras meninas, que elas podem contar com a gente”.



As organizadoras afirmam que o machismo na periferia não difere do que ocorre em todo o Brasil. Érika aponta que “o machismo está bem enraizado. Tanto que as mulheres acabam reproduzindo porque crescem dentro daquele ambiente machista. A mãe acaba reproduzindo o machismo, ela cresce e reproduz e aí vai passando”. Relatam ainda a ocorrência de evasão escolar e de dois suicídios por adolescentes vítimas do *cyberbullying*.

“também pra falar que tamo junto com elas e com outras meninas, que elas podem contar com a gente”

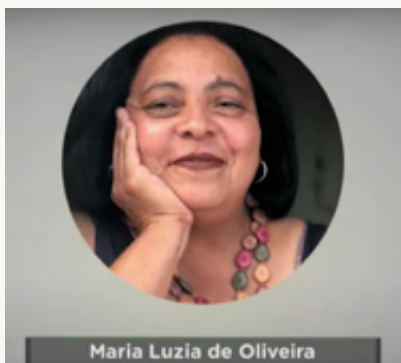


MORADORES DA REGIÃO DO GRAJAÚ ESTÃO SEM PRONTO-SOCORRO HÁ MAIS DE 3 MESES

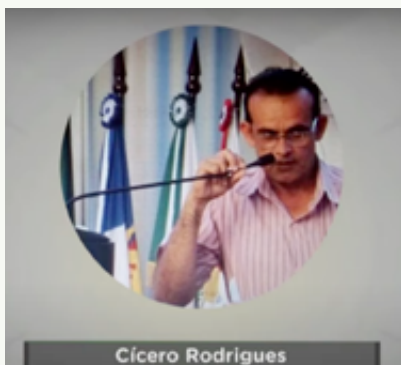


Publicada em 2 de julho de 2021, em plena pandemia, a reportagem de Larissa Bohrer enfoca que os moradores do Grajaú/São Paulo há mais de três meses “estão sem as duas unidades de pronto-socorro (PS)” – destinadas a atender urgências de “quase um milhão de pessoas que vivem na região” –, incluindo os bairros de Capela do Socorro, Parelheiros e Marsilac [porque os hospitais dessa região estão atendendo casos de Covid 19]. “O PS do Hospital Geral do Grajaú – que é estadual – foi fechado no começo de fevereiro pelo governo de João Dória e desde então só atende de portas fechadas, ou seja, transferências de outras unidades”. O outro PS “Dona Maria Antonieta Ferreira de Barros”, que é municipal, “está fechado desde abril para reformas”. Desassistidos, os moradores se locomovem para outros distritos.

O depoimento de uma moradora do Grajaú há 46 anos, Maria Luzia de Oliveira, é acompanhado pela indignação “com o descaso da prefeitura”.



Ela aponta a importância dos dois únicos equipamentos com que contam, compreende os motivos do fechamento para reformas, mas não compreende a não substituição: “a partir do momento em que se fecha o espaço de saúde para reformas, é necessário dar meio de assistências para a população, o que não foi feito”, e contextualiza a legitimidade da reivindicação quando diz que “estamos vivendo um momento de pandemia”.



Já Cícero Rodrigues, da União dos Movimentos Populares de Saúde de Marsilac, afirma que “eles [os gestores] não deixaram meios suficientes para atender a demanda reprimida” quando ampliaram a demanda sem a oferta de infraestrutura para atendimento.

Na tentativa de reversão dessa situação, os movimentos populares na área da saúde da região mobilizaram ações junto ao secretário estadual de Saúde, solicitando a reabertura do PS do hospital municipal enquanto a Unidade Maria Antonieta estivesse em obras. Claudiana Dantas aponta a disposição do movimento para fazer frente e exigir a oferta de serviço de saúde de qualidade quando diz que, “como movimento, nós vamos ter que fazer um ato maior encaminhar para o Ministério Público, para o Ministério Público acompanhar, porque nós já colhemos assinaturas, nós temos que a população não concorda com fechamento nem do PS Maria Antonieta e nem do Grajaú e a gente está totalmente desassistido aqui no Grajaú”. O depoimento de uma moradora do Grajaú há 46 anos, Maria Luzia de Oliveira, é acompanhado pela indignação “com o descaso da prefeitura”.



INAUGURADA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO NA REGIÃO DO GRAJAÚ

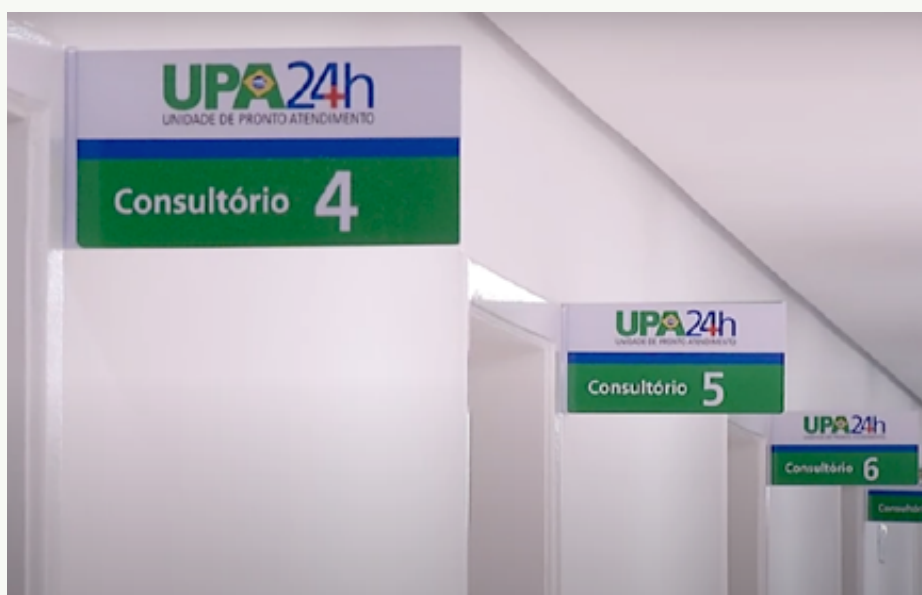


Na inauguração da UPA – Porte 3 – Unidade de Pronto Atendimento 24 horas “Dona Maria Antonieta Ferreira de Barros”, 22ª unidade da capital paulista, participaram vereadores, presidente da câmara municipal e o prefeito da cidade, que disse que a instalação da UPA “é uma demanda muito antiga da população”.

Prevê o atendimento de cerca de 20 mil pacientes por mês, contando com 525 profissionais trabalhando e plantão coberto por 26 médicos, 13 no período diurno e igual número no período noturno. Conta com equipamento de última geração e de alta qualidade. Também estão disponíveis no local aparelho de raio X e eletrocardiograma.

Oferece atendimentos de urgências, emergências e várias especialidades, tais como: pediatria, ortopedia, odontologia, psiquiatria e exames laboratoriais. O prédio onde está instalada a UPA é composto por 67 salas distribuídas em consultórios, espaço para avaliação de risco, Serviço Social, posto de enfermagem, quartos para isolamento e 24 leitos.

“Faz parte do programa Avança Saúde São Paulo, que conta com investimento de 200 milhões de dólares”. Para o custeio mensal, conta com 3 milhões e 600 mil reais.



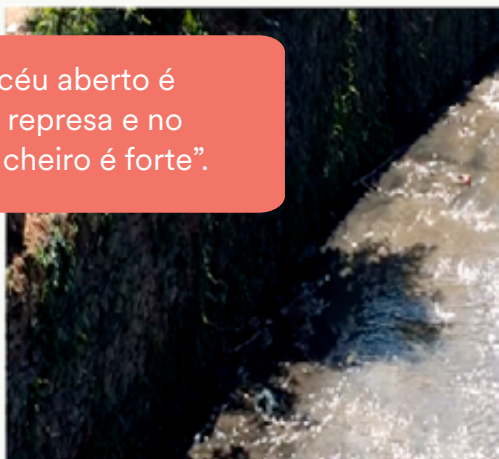


SEU BAIRRO, NOSSA CIDADE – SÃO PAULO – GRAJAÚ



Reportagem sobre o Grajaú informa que “é o distrito mais populoso da capital com 362 mil habitantes”. Aponta que “parte do distrito foi construída ao redor da represa Billings em ocupações irregulares que tomaram conta das áreas de proteção de manancial”.

“Esgoto a céu aberto é lançado na represa e no verão o mau cheiro é forte”.



Relata as cobranças dos moradores para a instalação de “mais postos de saúde para dar conta da demanda”, uma vez que as Unidades Básicas de Saúde, como do Jardim Eliane, “acabam sobrecarregadas”. A população recorre também ao Hospital Geral do Grajaú.

Em razão do aumento de assaltos e crimes, a população solicita mais policiamento preventivo – “principalmente em ruas escuras”. Integra também as reivindicações a ampliação de áreas de lazer “para jovens e crianças para não ficarem nas ruas” – locais como o CEU Navegantes. Aponta que “mais de seis mil e duzentas crianças aguardam vagas em creches”.



Menciona, ainda, os problemas enfrentados por quem vive na ilha do Bororé, e que reclama da “falta de infraestrutura e da balsa que faz a travessia, porque quando quebra, é preciso ter paciência”.



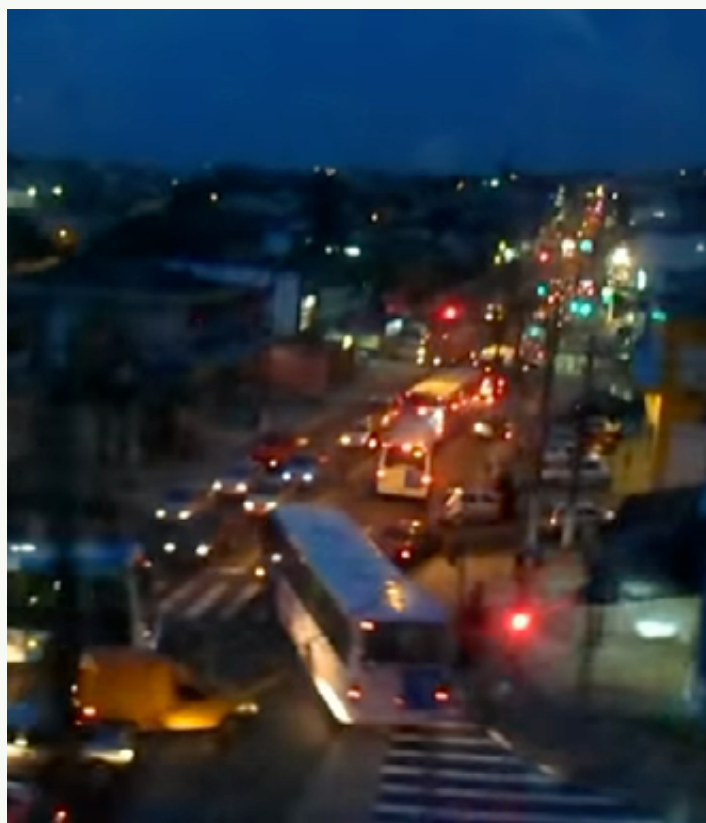
GRAJAÚ – NA BOCA DA BELMIRA



Iniciado com o sinal sonoro “Estação Terminal Grajaú. Desembarque pelo lado direito do trem”, a reportagem retrata as dificuldades de acesso e de mobilidade dos moradores no distrito do Grajaú, que contam com uma via principal de acesso, a avenida Dona Belmira Marin.

Os moradores relatam não haver dia e horário para a ocorrência de trânsito intenso no local, e de congestionamentos constantes. Aponta Gerlani que, “aqui na Belmira, você não precisa ter horário de pico. Todo horário é horário de trânsito” – ou seja, em qualquer dia da semana, “sábado, domingo, feriado, de dia, de noite...”.

Elsina, usuária do transporte público, relata que, quando retorna do trabalho e chega à estação terminal, opta por ir a pé para casa porque “gasta menos tempo” no trajeto do que se fosse de ônibus.

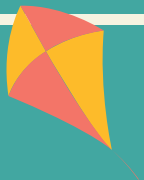




Há relatos de trajetos que são percorridos pelo ônibus que têm duração de viagem aproximada de até uma hora e meia. Falam, ainda, da expectativa de que um novo prefeito possa trazer propostas para a superação das dificuldades enfrentadas cotidianamente no uso do transporte público e também para a melhoria da mobilidade urbana.



“aqui na Belmira, você não precisa ter horário de pico. Todo horário é horário de trânsito” – ou seja, em qualquer dia da semana, “sábado, domingo, feriado, de dia, de noite...”



UM PAÍS CHAMADO GRAJAÚ



Apresenta a vista aérea e panorâmica do distrito do Grajaú, em pleno período de pandemia. Evidencia as dimensões espacial e territorial, a ocupação do espaço, a arquitetura, as vias de acesso e os contrastes na paisagem urbana.





GRAJAÚ



Mostra a visão aérea e panorâmica do Grajaú ao som da música “Bem-vindo ao Grajaú”, de Fabinho Dukavaco, que contextualiza e descreve a realidade social.

“No fundo da zona Sul se encontra o Grajaú, aqui a vida não é tão azul assim. Destino dos sem destino, descalço corre o menino, a vida não é pintada com tinta nanquim. Aqui! onde a política não chega. Aqui, onde a população deseja. Aqui! viver com tranquilidade sem treta”. “[...] Seus becos, seus guetos, seus medos, desejos”.



“Zona Sul.
Seja bem vindo
ao Grajaú!”



UM GIRO NO GRAJAÚ – O GIRO DA PERIFERIA



Este webdocumentário discorre sobre a história do Grajaú. É um dos episódios que integra o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de um projeto audiovisual denominado “Giro na Periferia” sobre empreendedores do Grajaú, de autoria dos alunos Ana Beatriz, Miréia e Wallace, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade Rio Branco/SP, produzido pelo “O giro da Periferia” – Histórias de empreendedorismo no Grajaú.



“Um giro no Grajaú” aborda a formação do bairro a partir da implantação de loteamentos populares e de chácaras. Faz apontamentos sobre as dificuldades peculiares que envolvem empreendimentos dessa natureza, como ruas sem asfalto e calçadas, ausência da rede de abastecimento de água e coleta de esgoto etc.





O webdocumentário evidencia moradores e empreendedores, com seus projetos de cunho também social, como Wellington Neri, artista plástico e integrante do coletivo “Imargem”, Rafael Xavier, assessor do Pagode da 27, e Ademilson Silva (Lele).



“Uma palavra é pouco para o Grajaú”; “O Grajaú tem esse cunho artístico, talvez porque ele por si só seja uma poesia”; “As periferias são lugares onde as pessoas estão criando soluções para resolver seus problemas diários” – essas são algumas das falas potentes de conhecedores e atores do Grajaú.





DO GRAJAÚ A SANTO AMARO – A EVOLUÇÃO DO BAIRRO (PARTE 1)



Morador há 30 anos no Grajaú, Kleber percorre de motocicleta as avenidas Dona Belmira Marin e Teotônio Vilela com a proposta de “lembrar um pouquinho o passado”. Durante o percurso, vai apresentando os espaços e narrando as suas vivências e relações com o território. Relata que foi “perueiro e cobrador de lotação em 1998 – já gritei muito Santo Amaro via Atlântica, na minha vida. E não tenho vergonha disso não, tenho o maior orgulho”. Indica o local da creche, escolas, o Pronto-Socorro Dona Maria Antonieta e outros serviços públicos que foram sendo ampliados ao longo desses anos. Passa pelos “prédios do BNH” e do “Circo Escola”, onde foi aluno.



Durante o percurso, tece comentários sobre os espaços, a evolução e a modernização do bairro ao longo dos anos, com narrativa entremeada pelas vivências do cotidiano dos moradores que vão desde o enfrentamento do alagamento na região do campo do “Bola Branca” – “isso quando alaga vira um inferno!”.

Informa que a atual “Viação Cidade Dutra” se chamava “Viação Bola Branca”. “Eu sou do grupo daqueles também, que já veio lá do Terminal Grajaú pra casa, a pé. Porque não passava nada, não passava carro, não passava ônibus, só caminhão, cavalo e algumas motos dava pra passar”.



Comenta sobre a ampliação da malha viária que favoreceu a maior fluidez do trânsito na região; dos terminais de ônibus “Grajaú” e “Passa Rápido” e também indica os diversos pontos comerciais e agências bancárias instaladas na região. “Modernizou muito a quebrada, mano”.



GRAJAÚ MEU PAÍS (PARTE 2)



Com humor peculiar, o professor de História Ederson Rossi se utiliza de imagens e fotos para apresentar lugares, espaços e coletivos do Grajaú, relatando as suas particularidades. Inicia sua fala com a menção de que “normalmente quem tem vergonha do Grajaú fala que mora na região de Interlagos”. Mostra fotos do Sesc Interlagos.



Refere que a Ilha do Bororé é “um dos bairros mais cults – a Veneza brasileira”.





Menciona a avenida Atlântica, que, segundo ele, “tem o maior número de bares para conteúdo adulto”, e a casa noturna Coração Sertanejo, frequentada pela elite grajauense. Faz referência a um dos times de futebol do distrito, o Canela Futebol Clube, e apresenta um dos diversos espaços pitorescos da região, o Defeito’s Bar, onde, segundo ele, se encontram e convivem pacificamente os torcedores dos mais diferentes times.



Finaliza dizendo que no Grajaú se encontra um dos maiores complexos educacionais de toda a América Latina, a Escola Estadual Condomínio Carioba Monte Verde, e acrescenta:

“eu trabalhei lá por alguns meses e vi tanta gente, mas tanta gente, que se o Grajaú é um país, o Carioba, com certeza, é a capital!”



PARQUE DO GRAJAÚ REÚNE ARQUITETURA, URBANISMO E NATUREZA, E PEDE MAIS ATENÇÃO: O CANTINHO DO CÉU



Em reportagem de sua autoria, “São Paulo nas alturas”, Raul Juste Lores aponta que, iniciado no ano de 1998, o parque linear “Cantinho do Céu” no Grajaú, às margens de sete quilômetros da represa Billings, é um projeto de reurbanização que “reúne arquitetura, urbanismo e natureza”, tem como “propósito melhorar a vida das pessoas”, e sofreu várias interrupções na sua execução. “Os arquitetos e urbanistas Elisabete França e Marcos Boldarini mostram o potencial natural, econômico e turístico de um parque que recebe bem menos atenção que aqueles localizados em áreas ‘privilegiadas”.



Adolfo Duarte “Ferrugem”
Empreendedor

A reportagem destaca ainda as iniciativas, os coletivos e importantes projetos que fazem da represa e de suas margens um espaço de preservação da natureza, da cultura e da história tais como a da ONG “os Meninos da Billings” e o projeto de canoagem “Remada na Quebrada” – coordenados por “Ferruge” (Adolfo Souza Duarte).



Apresenta os movimentos que exploram e disseminam a arte do grafite denominados “Entre Sonho e Realidade” e “Imagem”. Mostra também o comércio local, que, em seu conjunto, compõe o potencial turístico da região e de “diversas ações que qualificam o espaço”.

“O Brasil é uma referência de arte urbana do mundo, São Paulo uma referência no Brasil, Grajaú é uma referência em São Paulo e o ‘Cantinho do Céu’ é o lugar que tem mais concentração de artistas e de arte. **Eu acredito que a gente está no lugar mais relevante da arte urbana do mundo**” (MAURO NERI, artista – grifo nosso).



Eu acredito que a gente está no lugar
mais relevante da arte urbana do mundo”



MEL POR AÍ: CONHEÇA O BAIRRO DE GRAJAÚ



Mel, na companhia de Mariane – agente de turismo sustentável –, visita o Grajaú e a Ilha do Bororé. “Uma experiência transformadora, uma nova forma de pensar o turismo que promove muita troca entre locais e viajantes”.

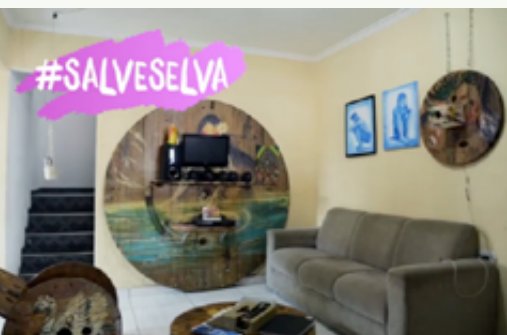


A proposta é conhecer uma São Paulo alternativa, através de um “mergulho na quebrada”, visitando diversos pontos que integram o “turismo sustentável, consciente e responsável” que gera “impacto positivo, empoderamento feminino, a remuneração justa, e a preservação do meio ambiente”, através de ações afirmativas, coletivos e projetos de inclusão social.



Visita o “Salve Selva”, um coletivo que tem espaço de atelier onde produz artes – pinturas, desenhos, bolsas, camisetas –, desenvolve atividades educacionais, pesquisa artística e grafite de rua. Produção de cultura local.

Nas incursões pelo território, Mel mostra vários murais que cobrem fachadas de casas e de espaços públicos e dá destaque ao do grafiteiro Enivo, nascido no Grajaú. Comenta que “a temática da comunidade está presente nas obras dele”.





VLOG LUGARES BARATOS PARA CONHECER NO GRAJAÚ – DESAFIO MÉLIUZ



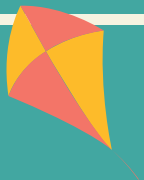
“Gente, esse desafio foi realmente um desafio. Me surpreendeu saber que meu bairro tinha tantas coisas legais que nem eu mesmo sabia”.

Jaque Cacheia apresenta lugares baratos para conhecer no Grajaú, com ênfase para fortalecer e divulgar os produtos e produtores locais. Apresenta a “Queijaria da Quebrada” como um espaço que é uma vitrine de tudo que é produzido no Grajaú, para fortalecer e dar visibilidade à produção local, dentre os produtos: pimenta, cerveja, farinha orgânica, vinis do pagode da 27, brinquedos de madeira (meninas da Billings), samba da praça.

A intenção é dar visibilidade ao que é produzido no distrito, valorizar as produções locais. Outros espaços que aparecem no vídeo é: “Barbearia Los Caricas”, “Pantcho’s House Burguer” (fortalece a economia local e utiliza como suporte nas mesas obras de artistas locais – na ocasião, era do artista Lucas Andrade).

Jaque conversa também com Leandro, um dos criados da cerveja Graja Beer, que destaca que a proposta era de criar um produto, uma marca local que dialogasse com a comunidade, “de mostrar o que é o bairro, a nossa cultura para o mundo”. No rótulo da cerveja está uma imagem do Grajaú, da avenida Belmira Marin, uma expressão do território. Jaque destaca, ainda, os espaços, eventos, atividades e atrações culturais gratuitas e/ou a preços acessíveis disponíveis no Grajaú.

“de mostrar o que é o bairro,
a nossa cultura para o mundo”



GRAJAÚ, UM DESENHO DE CULTURA



O vídeo traz imagens do Grajaú, com intervenções artísticas e andanças pelo território, conduzidas pelo som do batuque, as/os artistas vão narrando o nome de diversos locais e de coletivos existentes no território. É também o relato de um processo de construção de um possível documentário sobre o mapeamento cultural do Grajaú, o que o grupo denomina de videoprocesso. “De alguma maneira, fazer com que as pessoas que vão participar como personagem, sejam personagens ativos dentro do processo de construção”. Os autores partem da ideia de um levantamento dos grupos que atuam no Grajaú e região da aplicação de um instrumental para apreender algumas questões identificadas na articulação com grupos. Um instrumento para os grupos terem essas informações: de qual grupo que atua com teatro, música, que faz vídeo etc. Têm a perspectiva de atuar junto ao poder público, mas também de articulação política e organização dos coletivos culturais do Grajaú. A construção parte de uma pergunta: “Como as pessoas gostariam de ser representadas nesse vídeo e que formato ele poderia ter?”. A intenção é montar um espaço de pluralidade cultural. Articular todas as culturas e diversidades. Construção de um espaço em que estivessem várias artes reunidas: “onde a gente pudesse gritar de certa forma, onde pudesse falar eu existo”.

Ao longo do vídeo, participam diversos atores importantes no território que relatam as vivências e propostas de trabalhos dos coletivos por eles representados, como: Rodrigo (Grupo FACA/Balão Cultural); Tatiana Monte (Grupo CIA Humbalada – Espaço Cultural Humbalada – Teatro); Paula (Grupo Morro da Macumba); Jonato (Morro da Macumba/Imargem); Wellington Neri (Imargem).

Destacam que é importante tratar da imprensa na região, trabalhar com a comunidade e poder trazer a realidade a partir dela. Questionam-se: “Qual é o papel da grande mídia, o que ela está representando e o que ela vem fazer?”. Paula e Jonato, do Grupo Morro da Macumba, destacam a ideia de fazer as intervenções no próprio bairro, de produzir, estampar nas paredes as histórias. Também falam da ideia de reunir artista plástico, cartunista, na tentativa de fundir as linguagens e realizar um portfólio coletivo. Jonato diz que “parece incrível... ah... como que um desenho pode mudar uma realidade e tal... Mas é como se fosse um discurso quase invisível, que fica mais embutido nas pessoas” e que se torna visível. Uma história contada por imagens e intervenções artísticas.

Refletem que para implementar o projeto “é interessante que os grupos pensem nas dificuldades, público-alvo, o porquê também de fazer arte aqui na região, qual é a proposta dentro disso tudo”. Avaliam que esses pontos “são os que mais se assemelham entre os grupos”. Apontam que, “por mais que as linguagens sejam diferentes, [há] as semelhanças de necessidades, por sermos daqui”. Demonstram através de um mapa que “esse fator represa [Billings], que é superpresente em todos... no cotidiano de todos os grupos, é o que ao mesmo tempo liga a gente e separa”. Identificam a necessidade da construção de uma ponte “que fosse um projeto de todos nós juntos”, que por certo ampliará as possibilidades de “encurtar esses espaços” – “já que tem tanta gente nessa península, vale a pena investir nesses acessos”. Refletem sobre as dificuldades financeiras de muitas pessoas que integram os coletivos que dificultam a participação em atividades e a interação com outros grupos distantes de seu território. Esse investimento diminuiria as distâncias. Consideram que essa alternativa seria uma tentativa de “expandir teias de relações sociais”. Consideram que estão “nas mesmas tramas”, mas ainda “fragilizados politicamente”.

Como protesto, grafitam na parede de um prédio a frase “No Grajaú são mais de 430 mil habitantes e apenas uma via de acesso”, no caso, a avenida Belmira Marin.



Encerram as discussões com mais grafitagens questionando: “Qual a cor da cultura? Preto, Branco, Pardo, Outros”. Fazem a crítica de que “os programas governamentais que têm pra acesso à cultura, nas várias expressões que tiver, são acessados pelas grandes corporações”. Citam conglomerados que ganham várias concessões de ações culturais. “E a gente mesmo, que tem a necessidade, que precisa da grana, poderia tá fazendo um trabalho aqui nas comunidades, não consegue acessar esses valores”.

Como se a cultura da periferia não tivesse qualidade, como se não fosse erudita. Apontam uma contradição inconciliável quando dizem que “nos dão a pior condição de vida, as piores escolas, os piores empregos, o que há de pior... e mesmo assim a gente produz”. Escrevem em muros: “No distrito do Grajaú, há 84 bairros e 130 favelas!! Qual é a diferença entre bairro e favela?”; “dos ativistas culturais do Grajaú, 63,6% são homens e 36,2% são mulheres”. Apontam que os movimentos culturais precisam entender que é importante mapear – mas não “continuar umbigado”. Tem que haver a iniciativa dos próprios coletivos de se relacionar. “É algo inerente à prática teatral gerar reflexão, gerar um movimento outro de olhar para a realidade, mas também é muito da natureza de quem quer fazer isso aflorar”. Não anestesiar a realidade, mas produzir movimento.





ENTREVISTA COM O GRAFITEIRO E SOCIOEDUCADOR DO ATELIÊ DAKI GELSON



Grafito, arte-educador e artista plástico, Gelson relata a proposta do Ateliê Daki, que na ocasião da entrevista, em 2014, já estava em funcionamento havia sete meses.

O ateliê, então composto por sete artistas grafiteiros, previa sua utilização para produção e trabalho. “Todos somos grafiteiros, nos conhecemos na rua fazendo o grafite há mais de 10 anos e tínhamos em comum a vontade de ter um espaço físico para poder receber os amigos, para poder produzir arte, produzir ideias, bater papo e conviver. Aí a gente conseguiu alugar uma casa aqui na região do Grajaú. Uma casa bacana que pudesse, que tivesse cultura suficiente para comportar todas essas ideias, essas vontades”. Explica que o nascimento do ateliê surgiu de uma “urgência de um espaço comum” para produção de arte, ideias e convivência.

Na ocasião da entrevista, havia ocorrido uma exposição de abertura com previsão de uma segunda, coletiva, coincidindo com a “virada sustentável”.

Também reflete que o “Ateliê Daki é um espaço, acima de tudo, um espaço também onde a gente pensa trabalho. Embora a gente faça mais por vontade, carinho e amor, mas a gente precisa se sustentar também. Então, a ideia [é] que o espaço seja auto-sustentável”, devido à necessidade de manutenção das despesas pessoais dos artistas. O espaço é resultado de um sonho “em comum” e “incomum”, havendo também o objetivo de receber escolas e ongs para visitaçã. Diz que “a ideia do Ateliê também é poder receber as pessoas, escolas, ongs, pra visitaçã. Já teve uma experiência bem legal. Tem um grupo de uma ong aí, com 10 adolescentes, que vieram conhecer o espaço. Sempre que eu tenho uma oportunidade, também trago os meus alunos aqui também no Ateliê pra conhecer a produçã da galera e tal”. Finaliza dizendo “o Ateliê Daki é um espaço vivo, o espaço em movimento”.



DOCUMENTÁRIO GRAJAÚ CONTA DANDARAS, GRAJAÚ CONTA ZUMBIS



O documentário foi realizado pelo coletivo “Sasso” sobre o processo de criação do espetáculo “Grajaú conta Dandaras, Grajaú conta Zumbis”, da Cia. Humbalada. Esse projeto teve o apoio da Lei de Fomento ao Teatro da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Um projeto idealizado pela Cia. Humbalada de Teatro. Para Tatiana Monte, “o Grajaú é um território cheio de vida, pulsa calor, afetividade, vizinhança, favela, represa, pessoas, bares, igrejas, varais, pulsa também estruturas sólidas que nos condicionam o tempo todo. Pulsa machismo, racismo, homofobia e transfobia”. Ela ainda complementa: “o espetáculo não toca na ferida, ele é o pus que escorre dela, ele é o sangue vermelho que desce as vielas, ele é o grito, o silêncio, é o balanço gostoso do pagode na laje e a crueldade do menino preto estirado em uma poça de sangue”. Sinopse da peça: o espetáculo traz narradores, catadores de histórias, andarilhos das vielas que chegam da rua para contar histórias e narrativas do Grajaú para o Grajaú: Dandaras e Zumbis da periferia de São Paulo.

Grajaú que pulsa vida, calor, bares, varais e poesia. Cenas que vão do despencar das estruturas machistas, cenas de cebolas, mães solos, mulheres pretas que se acolhem. As Dandaras e Zumbis que foram escondidos da história, empurrados para a beira da cidade, fazedores de potência nas margens da sociedade.





HISTÓRIA DO COLETIVO “EXPRESSÃO CULTURAL PERIFÉRICA” – (ECP) – GRAJAÚ-SP



A entrevista se dá no estúdio de tatuagem de Orlando Queiroga, onde tudo começou. Trata-se de um espaço de expressão cultural periférica que trabalha com arte variada: poesia, grafite, artesanato, edição de vídeos e escrita. A ideia surgiu de um bate-papo entre três integrantes do grupo que compartilhavam o mesmo espaço de trabalho: uma escola.

Queriam conversar, trabalhar com arte e falar sobre como “é difícil a arte na periferia”. As entrevistadas observaram em seu trabalho cotidiano na escola a falta de crítica das crianças e queriam falar sobre “crítica social” a partir da arte da região.

Com a chegada de outra integrante que passou a trabalhar com elas na escola, o projeto se concretizou. Tudo se iniciou com um sarau para debater assuntos da semana na comunidade. Perceberam que no estúdio de tatuagem se faz arte “o tempo todo”.

Após aprovação do projeto pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais – VAI, da prefeitura de São Paulo, passaram a realizar oficinas, quando, então, mudaram para o espaço de um Centro de Convivência da Juventude – CCJ – do Jardim Annenberg. Assim, o projeto começou com a oficina de comunicação e leitura, artesanato com adultos, edição de vídeo para crianças e adolescentes e Graffiti, a partir de 11 até 18 anos de idade.



Falam da presença das crianças e adolescentes, mas também de mulheres circulando pelo espaço que se iniciou com cinco integrantes e ampliou-se, na ocasião, para 22. Para além das oficinas, o bate-papo sobre os assuntos relevantes da comunidade continuaram sendo incentivados. Mães são mostradas opinando sobre a importância do espaço para elas, pedindo sua ampliação e dizendo do gosto dos filhos pelo local.



“PAGODE DA 27” FAZ RODA DE SAMBA NO GRAJAÚ



Reportagem que traz o Pagode da 27 que tem o objetivo de preservar o samba de raiz e revelar novos talentos. Rua Manoel Rodrigues dos Reis, ou mais conhecida como Rua 27.

A lona vermelha e branca estendida. Todo domingo às 16 h da tarde. O samba traz alegria, envolve todas as idades. Impactos para os moradores. João da batida, espetinhos, camisetas... Tem CDs, álbuns de vinil. Formada por 10 músicos. A rua mais perigosa e violenta do bairro foi impactada pela questão cultural. O pagode trouxe melhorias, solidariedade de classe e cultura para a rua.

O “Pagode da 27”, criado em 2005, é um grupo de sambistas que elegeram a rua Manoel Guilherme dos Reis, conhecida como Rua 27, no Grajaú, para se reunirem em roda de samba, aos domingos. Suas composições, baseadas na observação do cotidiano, retratam elementos culturais presentes nas periferias.



A qualidade musical e a regularidade dos encontros demarcam um espaço cultural que atrai grande número de pessoas de diversas idades e regiões, favorecem o encontro geracional, revelam novos talentos e preservam o “samba de raiz”.

Durante a “roda de samba”, arrecada alimentos e agasalhos que são doados para organizações do distrito. Movimenta o comércio local formal e informal.



FOMOS CONHECER O CANTINHO DO ARTISTA



Em entrevista, João Alves, que é um dos fundadores do Cantinho do Artista, afirma que o espaço “foi criado com o objetivo inicialmente de dar oportunidade para o artista contar sua história, porém as coisas foram acontecendo e hoje o Cantinho do Artista é um espaço artístico e cultural para inclusão social”.



Afirma que oferecem uma variedade de atividades como capoeira, jiu-jitsu, muay thai, karatê, passarela, artesanato, aula de violão, entre outras. Todas com o objetivo principal de incluir as pessoas no contexto cultural, educacional e artístico.

Para conhecer o trabalho desenvolvido, João convida para uma visita ao espaço ou também a acessar as redes sociais – programa Cantinho do Artista –, disponível no Facebook, Instagram e YouTube. Aceitam ajuda, desde material até valores financeiros, ou doação de roupas para serem comercializadas no bazar e também utilizadas em atividades.



A repórter pergunta: “Nós podemos considerar o Cantinho do Artista também como local que revela grandes talentos?”. João relata a passagem por lá de artistas que se destacaram. Entre os exemplos está “o Marcos Vinícius, garoto de 15 anos que se apresentou no Rodrigo Faro, saiu do Cantinho do Artista. Então realmente revela”. Mas alerta que é necessário que a pessoa tem que ter a predisposição, o talento e tem que ter dedicação.

“O Cantinho do Artista é essa escada, é essa ponte e essa oportunidade para que a pessoa desenvolva o seu talento” (João Alves Vieira – cofundador do Projeto).



CRIOLO FALA SOBRE A CULTURA NO GRAJAÚ



Criolo, 40 anos, inicia falando sobre ter crescido num ambiente de amor, com pessoas de coração bom, mas com dificuldades quanto ao desenvolvimento do bairro. Diz que a força do bairro, que é jovem, vem das pessoas e não de órgãos governamentais, de pessoas “de fora”.



Recorda-se que à medida que as crianças se tornam adolescentes, desbravam seu bairro, fazem amigos. Para ele, o protagonista é o povo, cuja expressão cultural em suas mais variadas formas, como rap, forró, é “feita das pessoas pras pessoas” ou do “povo para o povo”. Ressalta a importância dos bailes de escola dos anos 90 e 91 onde os jovens mostravam seus passos de dança nas equipes então formadas. Fala da importância do rap e cita o grupo “Código Letal e o MC Paulinho”, e um terceiro chamado Flávio, suas referências. Comenta que também teve referências que o fizeram conhecer o skate: “O Donizete é um dos primeiros caras que eu vi andando de skate, eu vi o skate através dele. Então, era na raça. Não tinha muita estrutura ou alguém te apoiando, ou alguém te incentivando... não por maldade, mas até pelo corre da sobrevivência da vida. Você alcança certa idade, você tem que fazer um corre pra saber como vai sobreviver”.

No período da gravação do vídeo (2016), comenta a mudança que ocorreria pois a casa de cultura passaria a ser um Centro Cultural, mostrando que tal fato era resultado da luta por arte e cultura da população, fruto da resistência dos “antigos” que não desistiram de seu sonho. Acrescenta a importância da transmissão do conhecimento, da luta entre gerações em que se aprende com os mais novos como “forças complementares”. Por outro lado, fala que, embora o esporte e a arte sejam importantes, “as pessoas são programadas para trabalhar para os outros” e que os primeiros são vistos como vagabundos. Finaliza dizendo que as pessoas querem fazer algo fora do sistema “padrão”, como a luta dos skatistas para o reconhecimento da prática como esporte, por exemplo.



FUTEBOL E SOLIDARIEDADE: O NATAL DOS MENINOS DO BREJO, NO GRAJAÚ, ZONA SUL DE SP



Este vídeo aborda o trabalho social realizado pela Associação Promeb – Projeto Meninos do Brejo, na região do Grajaú, no período que antecedeu o Natal. Nele, o técnico de futebol dialoga com os meninos, jogadores de futebol, sobre a importância daquele momento, das dificuldades, das conquistas, incluindo a aquisição dos uniformes e das chuteiras: “você merecem! Todos que ganharam a chuteira, merecem”. Ressalta que muitas coisas boas aconteceram, como “não perder ninguém para as drogas”.

O técnico destacou que participam do projeto aproximadamente 100 crianças, mas que o número das que ganharam uniforme do time foram de 45 a 60 crianças, tendo como critério aquelas que estão frequentando a escola: “os que estão bem na escola, os que passaram de ano, correspondendo a nossas expectativas, ajudar as escolas... todos passaram de ano e bem, aí a gente premia eles com os uniformes, passeios e lanches”. Essas premiações são realizadas anualmente.



PARTE 2.

PODCASTS

“Este trem tem como destino a estação Grajaú”. Esse é o áudio que abre o podcast “Na ponta do Esmeralda, um pulo no Grajaú”, reproduzindo a mensagem veiculada no interior do trem da CPTM, acompanhado de sinal sonoro para orientação das/dos passageiras/os.

E é a bordo desse trem que vamos aportar no terminal Grajaú e incursionar pelo território através dos 10 podcasts que abordam conteúdos referentes ao distrito na perspectiva das/dos moradoras/es do Grajaú e/ou por pessoas que estabelecem uma relação de proximidade com esse território. Enfocam assuntos variados em uma mistura de depoimentos que relatam a relação afetiva com o território, as iniciativas e projetos para o fomento da arte e da cultura efervescente na quebrada, difundida por muitas/os artistas solo, em geral com produção independente e/ou que integram os trabalhos de múltiplos coletivos. A história do território e a realidade social também compõem as discussões. Enfim, como diz Rômulo Cabreira , “O Grajaú é potência demais... por lá tem talentos musicais que vão do rap ao samba”.

Ops, chegamos!! “Estação Terminal Grajaú. Desembarque pelo lado direito do trem. Ao desembarcar, cuidado com o vão entre o trem e a plataforma” . E aqui, mais uma vez, aportamos nesse “país chamado Grajaú” que abre o seu território para novas, inusitadas e ricas descobertas sobre a inventividade, sensibilidade e resistências de seu povo.

Sejam todas/os muito bem-vindas/os!



NA PONTA DO ESMERALDA, UM PULO NO GRAJAÚ



O episódio “Na ponta do Esmeralda, um pulo no Grajaú” é um podcast original, produzido pelo Próxima Parada em parceria com a Agência Mural de Jornalismo das Periferias, que tem início na estação de trem Grajaú, final da linha 9, Esmeralda.

Neste episódio é focalizado o distrito do Grajaú, o mais populoso do município de São Paulo. “Eu acho que quando se fala do Grajaú, a maioria das pessoas já fazem aquelas piadas, do quanto é longe, do quanto é perigoso... mas eu não enxergo o distrito dessa forma. Grajaú é uma caixinha de surpresas, lugar gigante que carrega grandes histórias”; “Eu vi a evolução desse lugar... quando eu era criança, eu e minha mãe tivemos vários problemas de saúde porque as ruas daqui não eram asfaltadas” (Isabela Alves, jornalista, correspondente do Grajaú, cresceu no Grajaú).

O distrito do Grajaú está localizado no extremo sul de São Paulo e protagoniza uma cena cultural muito potente: “Não tem como falar do Grajaú sem falar de arte” (Romulo Cabreira). Artistas como Criolo, Rael, bem como o Pagode da 27 e o Centro Cultural com a presença do grafite de Mauro Neri. Além de locais em área de proteção ambiental, como o Parque Linear e a Ilha do Bororé, que abriga também a Casa Ecoativa, projeto que promove várias atividades ecológicas e culturais, a maior parte delas com alunos das escolas da região. “A questão é explorar o lugar porque tem muita coisa boa” (Isabela).

Apesar da potência do distrito, há algumas dificuldades a serem superadas, como o transporte público, as enchentes e mudanças na mentalidade de alguns moradores, como relata Isabela: “As próprias pessoas que vivem aqui não sabem das riquezas do local... é possível incentivar o turismo por aqui” (Isabela).

“Eu acho que quando se fala do Grajaú, a maioria das pessoas já fazem aquelas piadas, do quanto é longe, do quanto é perigoso... mas eu não enxergo o distrito dessa forma. Grajaú é uma caixinha de surpresas, lugar gigante que carrega grandes histórias”



ESTRELA DO 3º MILÊNIO: A ESCOLA DE SAMBA DO GRAJAÚ



O podcast intitulado “Estrela do 3º Milênio: a escola de samba do Grajaú” foi produzido pelo Próxima Parada em parceria com a Agência Mural de Jornalismo das Periferias. Nele é abordada a história da criação da escola de samba “Estrela do 3º Milênio”, o que ela representa para a comunidade do Grajaú, os projetos de cunho social que são desenvolvidos, a luta da escola para o acesso ao grupo especial das escolas de samba do município de São Paulo e as dificuldades e ações desenvolvidas durante a pandemia do coronavírus – covid-19. E foi durante a pandemia que as mobilizações aumentaram: “Fizemos o Sambando Com Saúde, uma parceria da escola de samba com a UBS da região”; “Na pandemia, muita gente perdeu salário, diminuiu salários, 70%, 50%, reduziu a jornada de trabalho, enfim, a gente trabalhou muito na pandemia”; “distribuimos mais de mil cestas básicas, fizemos um trabalho contínuo, todo mês atendendo as famílias que necessitavam...” (Inara, assistente social, criou o departamento social da escola).

Mariângela, professora e vice-presidente da escola, relata que o período da pandemia foi difícil, mas que também facilitou a aproximação com a comunidade: “a pandemia tirou a gente um pouco do eixo. Tivemos que nos reformular de diversas formas, entrando na onda das *lives* para manter a comunidade próxima e com conhecimento do que estamos fazendo”. Apontou que “o setor social cresceu muito em função da pandemia. Porque a gente se aproximou muito da comunidade, as pessoas estão próximas”.

Vitor Veloso (mestre de bateria) ressalta a preocupação e os cuidados de todos para o desfile em 2022, com relação às medidas de segurança necessárias relativas à pandemia: “A expectativa é que tenhamos um carnaval com a segurança devida”; Temos nova oportunidade de voltar com o carnaval de uma maneira diferente... tem o cuidado e toda essa preocupação, mas a gente tem que entender que é carnaval, é alegria” (Vitor Veloso, mestre de bateria).





CONHEÇA JOSEPH RODRIGUEZ, MULTIARTISTA TRANS DO GRAJAÚ



Apresenta um morador do Grajaú, o Joseph Rodrigues, 28 anos, morador do Grajaú, um multiartista – cantor, produtor, DJ e modelo – transmasculino negro que lançou seu primeiro single intitulado “Nóis no submundo”, um trap, subgênero de uma linguagem preta, hip-hop/rap, que mistura batida de funk.

Segundo Joseph, o “trap é um dos subgêneros que vem de uma linguagem periférica e preta. O trap não é uma coisa que se originou aqui no Brasil, mas lá fora nós temos movimentos pretos nos Estados Unidos, aonde fala da ascensão através desse bit, dessa bateria do trap que é uma mistura de hip-hop, é uma subvertente rap, é uma coisa ali que abrange um outro movimento conforme sua rima. Então, depende muito. São palavras jogadas, é uma outra dinâmica. É uma dinâmica que eu gosto muito mesmo, que é brincar com as palavras e com um jeito da música ser cantada”.

A sua proposta é de mudar a cena do hip-hop “trazendo as narrativas de corpos trans pretos e periféricos para o topo”. Joseph fala das vivências e de que “lançar um trap que é meio funk, ele traz um resgate. Também os ouvidos da periferia para a periferia, para as pessoas negras, entender que eu, enquanto corpo trans negro, racializado, posso também estar nesse lugar e falando desses nossos corpos no submundo, mesmo falando do que a gente sonha nessas relações, de que a gente tem encontros para sonhar e de que a gente quer sempre estar aberto”.

Algo que diferencia muito a produção do Joseph é o fato de ele falar sobre as suas vivências, enquanto morador da periferia e trans masculino. Diz que “nós temos muito traps e muitos sons lançados por pessoas homens, homens cis, com a narrativa deles. E aí eu trouxe a minha narrativa no trap pra justamente mostrar esse lugar mesmo. Esse lugar de querer uma ascensão, e esse lugar de sonho, esse lugar de encontro, eu, enquanto um corpo que troca afeto com outros corpos pretos, outras mulheridades”.

Os enfrentamentos são muitos no país que mais mata pessoas trans no mundo. Daí a importância de nomes como Joseph Rodriguez.

“lançar um trap que é meio funk, ele traz um resgate. Também os ouvidos da periferia para a periferia, para as pessoas negras, entender que eu, enquanto corpo trans negro, racializado, posso também estar nesse lugar e falando desses nossos corpos no submundo, mesmo falando do que a gente sonha nessas relações, de que a gente tem encontros para sonhar e de que a gente quer sempre estar aberto”



QUEBRA DAS IDEIAS ESPECIAL PCDS # 03 COMO É O DIA A DIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA QUEBRADA?



“Pessoas com deficiência existem e resistem no nosso cotidiano”. É com essa constatação que Letícia Padilha abre o podcast que tem o objetivo de conhecer o dia a dia de uma pessoa com deficiência “na quebrada” e o que poderia melhorar na questão de mobilidade. Afirma que “só quem vive na periferia pode dizer como é difícil se locomover a pé ou até mesmo no transporte público. A falta de mobilidade é grande nesses lugares. Imagina a pessoa com deficiência que mora nesses territórios. Já pensou como é a locomoção onde calçadas são desiguais, em vários pontos das ruas há buracos, e se você não observar pode causar até mesmo um acidente?”.

Segundo Letícia, quem pode falar com propriedade sobre essas barreiras é Júlio Machado, 41 anos, morador do Jardim Belcito no Grajaú, formado em violão popular, cego de nascença (glaucoma congênito). Ele fala da questão da mobilidade nos espaços públicos que nem sequer têm o básico: não há calçada ou as calçadas são irregulares, malcuidadas, os carros estacionados irregularmente interferindo no espaço destinado ao pedestre, muitos degraus. Enfim, são muitos os obstáculos existentes. Mesmo nos espaços públicos em geral, em que há certa acessibilidade, avalia que deveria haver qualificação das pessoas que trabalham nesses lugares “pra receber as pessoas com deficiência” e auxiliá-las, principalmente em espaços públicos desconhecidos, mesmo com piso tátil, pois se não alguém sabe para onde vai, esse recurso, por si só, “não ajuda em muita coisa”.

Júlio vive da música: “eu trabalho com alguns artistas e toco também por aí... na noite”. Enfatiza que sempre quis ser músico e reconhece que a música sempre foi um “dom” para ele. “Desde criança eu manifestava minha musicalidade”.

Afirma que, “com relação à acessibilidade dos espaços públicos, na verdade é uma longa discussão. Mas eu acho que não dá pra gente ficar esperando tudo se adaptar pra gente. Se ficar esperando, você não paga suas contas. Então a gente tem que sair, tem que trabalhar, tem que se adaptar, tem que se virar, e se unir. Porque a gente precisa ser ouvido. Mas enquanto as pessoas não criam essa consciência, a gente tem que pagar as contas”.

“só quem vive na periferia pode dizer como é difícil se locomover a pé ou até mesmo no transporte público. A falta de mobilidade é grande nesses lugares. Imagina a pessoa com deficiência que mora nesses territórios.”



O ECA RESISTE! CRIANÇAS E ADOLESCENTES E OS 31 ANOS DE LUTA



Trata-se de uma entrevista realizada por adolescentes do Circo Social na região do Grajaú: Eduardo e Nicole. Enfoca a falta de acesso aos serviços como preconizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, após 31 anos de sua existência.



Djalma Costa, diretor do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de Interlagos – Cedeca, é o entrevistado que, de maneira profunda e didática, traça um panorama histórico, situa e esclarece as permanentes lutas e resistências necessárias para que a materialização do ECA ao longo desses 31 anos de sua existência se concretize. Segundo ele, crianças e adolescentes acessam o ECA a partir da existência e disponibilidade do serviço público e cita, como exemplo, que, se não houver espaço para recreação ou atendimento médico, essa criança não acessou o que diz a lei a partir do Estatuto.

Djalma descreve que a elaboração do ECA se deu quando o país implantava a nova Constituição Federal e ainda não se discutia sobre os direitos de crianças e adolescentes. E indaga: “Como se discute o esporte a partir do olhar do adulto? Como a criança e o adolescente acessam os serviços?”

Prossegue dizendo que a escrita do Estatuto ocorreu também a partir da necessidade da criança, sendo o Brasil um dos poucos países que têm uma lei específica. Foi construído a partir de uma grande mobilização no país para que a lei se concretizasse. Também retrata a necessidade da formação dos professores, que escolas ainda não contam em sua grade curricular com as especificidades do ECA, o que, em sua origem, trouxe conflitos para a comunidade escolar e também para as famílias, devido à falta de compreensão sobre a nova legislação nos anos 1990. Hoje ainda há escolas que resistem a fazer o debate sobre o ECA, segundo Djalma.

Ele diz que o acesso ao ECA demonstra os conflitos existentes com o poder público e as suas falhas. Comenta que a comunidade – “e aí estamos falando de crianças e adolescentes – precisa começar a entender qual é o seu lugar no território, no lugar que vive, com quem vive, que tipo de comunidade, o que é que tem, qual é o projeto de cidade que quer pra si. Quando você acessa a cidade de maneira que você fica feliz de estar na cidade, você passa a ter acesso à lei, a direitos e tudo mais”. Prossegue dizendo que, enquanto não houver a compreensão de “qual é o seu papel nessa comunidade e que você precisa dela e ela precisa de você, não consegue acessar essas coisas com dignidade”. Aponta que as crianças e os adolescentes não são “só consumidoras de políticas públicas – são cidadãos, sujeitos...”. Ser cidadão, sujeito que também pode contribuir para a efetivação de políticas públicas. Respondendo à pergunta feita por Nicole se o ECA garante direitos, Djalma afirma que “o ECA não garante o direito. O que está dentro dele são as regras para que seus direitos sejam garantidos”. Esclarece que quem o faz é o poder público através das políticas e de serviços públicos. Finaliza fazendo um resgate histórico da participação de crianças e adolescentes na elaboração do ECA, representado pelo Movimento Meninos e Meninas de Rua, que lutaram pela implementação do ECA. “Essa é uma história muito bonita. Os meninos e meninas foram lá e abraçaram o Congresso e exigiram dos deputados, que construíram isso”.



GRAJAÚ, IDENTIDADE E AFETIVIDADES



“Um amigo do CapsArtes me disse um dia que o território nos habita e não o contrário”. É com essa reflexão sensível que Bia Carvalho inicia a conversa com Letícia. Situam geograficamente o distrito do Grajaú – distante mais de 30 quilômetros do centro da cidade de São Paulo –, o que demanda várias baldeações realizadas por muitos moradores para chegarem aos seus locais de trabalho. Afirmam que “isso até que não seria tão longe se não vivêssemos em uma cidade com o trânsito intenso e os transportes públicos tão precários e insuficientes”. Referem ainda que o Grajaú é um espaço onde “tem violência, tem fome, tem dificuldade, assim como toda periferia paulistana”, mas tem também “uma arte que nasceu da resistência”.

A partir dessa contextualização, propõem conhecer a história do Grajaú de maneira afetiva, através do olhar de alguns dos seus moradores que enviaram seus depoimentos. Em seu depoimento, ngela fala da evolução das melhorias do Grajaú observadas ao longo dos 26 anos em que reside no território, que vão da inauguração do Hospital Grajaú e do shopping SP Market até o transporte público. Diz da sua relação peculiar com o “trenzinho com dois ou três vagões”, que oferecia transporte não tarifado e que percorria o trajeto até a avenida Jurubatuba. A “pequeninha” e pitoresca estação de trem era integrada à rua – “nós descíamos na rua e entrávamos ali já na linha do trem e íamos beijando a linha até chegar na estação”. Fechada no ano de 2001 para reforma, essa estação foi reaberta sete anos depois, “já com a linha Esmeralda, com os trens novos, muitos vagões” e a ampliação da linha CTPM. Na percepção de Bia e Letícia, ngela traz um “viés histórico”, tanto da construção do transporte quanto da acessibilidade do bairro do Grajaú, o que remete a pensar “o quanto o transporte pode mudar completamente uma realidade”.

Traz ainda a escuta do depoimento da Alice, criança de 10 anos, que reside no Grajaú e “tem uma visão muito pura” da relação que estabelece com o distrito.

Fecham a conversa com o depoimento de Maria Vilani, que diz: “Grajaú é o meu país. É nele que vivo, trabalho, crio e sonho todos os meus sonhos. Em dias de sol passeio sobre as suas calçadas onde encontro pessoas no eterno vai e vem na busca do encontro. Em dias de chuva, da janela do meu quarto, contemplo a sua imensidão. Numa arquitetura única. Onde as casas parecem estar no eterno abraço a protegerem-se das intempéries do tempo. Nas noites, escrevo versos. Sob a sua poética proteção”.

“tem violência, tem fome, tem dificuldade, assim como toda periferia paulistana”, mas tem também “uma arte que nasceu da resistência”



GRAJAÚ: ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA



Podcast do CapsArtes – 30 anos na região do Grajaú – busca informar sobre o entendimento de como o distrito se desenvolveu ao longo dos anos. Mais um passo na construção da linha do tempo do Grajaú, nesse episódio voltado para Educação e Arte. Inicia com trechos da música “Filhos da favela”, do Pagode da 27.

Importante entender o contexto social no qual surgem determinados movimentos para que fique evidente como a educação e a arte são agentes criadores de oportunidades. Um monte de gente produz arte, que faz o trabalho por meio de expressão. Expansão da consciência. A partir do momento que entendemos o que acontece ao nosso redor, temos ferramentas para nos indignarmos e reagir. Elementos de arte e educação são muito fortes no território.

Uma das convidadas do episódio é a professora da rede pública Carol (Ana Carolina Lucas), que é entrevistada pela Bia Carvalho. O diálogo ocorre a partir da pergunta: Quais as primeiras lembranças que se relacionam ao território do Grajaú? Carol destaca: “Pontos de ônibus com madeiras no chão, ônibus branco e vermelho que circulava nas ruas, a região da Belmira Marin era pouco no começo, tinha, mas não do tamanho que é hoje”. “Avenida que inicia a entrada do Grajaú, antes não tinha o trem, o trânsito era horrível, pouquíssimos comércios, e lembro que no comércio existia um ônibus que levava o pessoal até Jurubatuba, um ônibus gratuito”. Observa-se que a construção da linha do trem traz elementos de mudança do território, nas paisagens.

“Entender a nossa identidade partindo do nosso território, conhecendo a cultura local”: Carol traz que a educação enrijece, cobra habilidades e competências conteudistas e pouco espaço para trabalhar o pertencimento: “Se reconhecer enquanto pessoa naquele lugar, que os alunos possam assim se reconhecer. Mas sempre que possível buscar trazer notícias do bairro, questões do bairro. Envolve as nossas raízes, saber do lugar onde veio”.

Para a professora Fátima, “não tinha coisa mais triste do que chegar na segunda-feira e fazer a chamada e não ter mais uma aluna, principalmente, no Ensino Médio. Chegava no outro dia, cadê fulano e os meninos falavam: ah, professora... morreu!”. Ela lembra do livro Guerra Civil, escrito no ano 2000, e de que era comum pessoas morrerem de trauma no Hospital das Clínicas, sobretudo nas periferias, e nada era falado. Para ela, “o Brasil é uma criação colonial recente [...] eles vão matando a gente aos poucos, esperança é preciso”; traz de forma muito viva a experiência do genocídio da população jovem negra e periférica e o silenciamento em torno disso.

Fátima lembra de Alexandre Migas – jovem negro que morreu aos 21 anos na represa Billings, era grafiteiro, e enfatiza: “não é com a desgraça que vamos mudar o mundo, é com a arte”.

Bia Carvalho encerra o podcast chamando atenção para as desigualdades que não cessam, “que [as pessoas] são alvo de violências, desigualdades e injustiças sociais”. Bia enfatiza: **“a nossa arte periférica resiste, resistência é também força, potência. Dor de perder um jovem aluno, quantas mortes de jovens periféricas são silenciadas? A morte é uma realidade para todas, mas quando se trata de Brasil, a morte ainda é uma realidade periférica... é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar... Paulo Freire. Esperançar uma comunidade mais etnicoconsciente, esperançar no coletivo, juntar-se com outro para fazer de outro modo. Esperançar é sonhar coletivo, dar as mãos e aprender a fazer. É um espaço de escuta, e também um espaço de memórias”** (Bia Carvalho).



DEPOIMENTOS. O QUE GRAJAÚ REPRESENTA PRA VOCÊ?



Podcast do CapsArtes – Episódio 5, que traz depoimentos de alguns moradores que vivem no Grajaú, representando, segundo Andreia Lobo, paulistanos de nascimento e de coração.

Andreia destaca que na caminhada em conhecer, reconhecer e valorizar o Grajaú não basta apenas acessar dados e as estatísticas geográficas que as mídias publicam; “para conhecer a essência do Grajaú é preciso continuar a ouvir as pessoas que aqui vivem. Vivem nascimentos, perdas, sonhos e realidades, expectativas, frustrações, idas e vindas, dores e amores, vivências que fortalecem e unem o povo do Grajaú”.

O episódio é construído a partir de uma pergunta: **O que o Grajaú representa para você?**

Participam do episódio quatro moradores, e a síntese de seus depoimentos segue abaixo:

Priscila, moradora do Grajaú há 37 anos, diz que praticamente nasceu no bairro, que “significa minha infância, minha juventude, através de alguns lugares eu pude fazer esporte, joguei handebol (Gigantinho), fiz capoeira (grupo Alegria do Povo; Afromix – Anjos do Sol), amigos, família, grande parte mora aqui também. Sou muito feliz por ter crescido nesse bairro, sou casada, minha filha hoje tem 14 anos e nasceu aqui nesse bairro. O Grajaú para mim faz parte da minha vida, faz parte da minha história, faz parte do que sou”.

Abrão Medineli afirma que “O Grajaú para mim é um território amplo, cheio de artistas, consagrados ou não, é um celeiro de artistas, de pessoas que correm atrás de tudo, de trabalho, da sua arte, um ajuda o outro aqui, mesmo parecendo que não. Aqui o povo se ajuda no complexo inteiro. Eu tenho aqui no Grajaú, eu já fui, já saí, já voltei, eu vivo aqui há 42 anos, eu como hap, DJ, do Atitude Expressiva, tinha como objetivo trazer mais arte aqui para dentro, trouxemos artista de fora, para cultura, do ano 2000 até 2005. Demos uma parada, mas continuamos pelas beiradas para continuar com a cultura hip-hop. Eu vi o circo escolar nascer, eu vi várias coisas nascerem e sumirem aqui. Como o Caldeirão, a semolina, aqui no Cocaia, onde íamos buscar água da bica (hoje em dia não tem mais porque a população cresceu). Já vi ônibus saírem, e perdermos o contato com o centro direto, tem que ser por terminal. Eu amo o Grajaú”.

Gisele diz: “eu moro aqui desde muito pequena, eu vi muitas mudanças significativas para o bairro, como o terminal Grajaú que atende à população não só do bairro, mas de bairro próximos; o hospital do Grajaú; o centro cultural; o centro da mulher. Enfim, tem muita coisa bacana. Claro que o bairro tem muita coisa que melhorar ainda, o número de pessoas aumentou muito, ainda tem muitas deficiências, mas é um bairro que acolhe as pessoas, tem gente do Brasil inteiro, tem gente de outros países, e a sensação que eu tenho aqui do Grajaú em relação a bairros centrais [é que] as pessoas [são] o bem maior do bairro. É aquela coisa, se você precisa de ajuda de vizinhos, um favor, uma amizade, a qualquer hora, pra mim importa isso. E investir na cultura para a terceira idade, para os jovens, para as crianças, é algo que deve ser investido. A cultura, o saber, o conhecimento é algo que alguém nunca vai tirar da pessoa. Tem pontos negativos, positivos, mas o Grajaú é um bairro bacana sim e exigir isso perante as autoridades e cada um fazer a sua parte, isso é importante”.

Andreia revela ter “35 anos, sou nordestina, mas desde a infância, entre idas e vindas, o Grajaú sempre foi a minha morada. Foi aqui no Grajaú que aprendi valores essenciais para a vida. Meus familiares, como muitas outras famílias, migraram da sua terra natal para vir trabalhar. Encontraram morada no Parque Cocaia, na Viela 27, recordo das brincadeiras de rua, pega-pega, corre cotia, brincadeiras de pula corda, essas e muitas outras brincadeiras que eram comuns à época e se perderam por falta de segurança e muitos outros fatores. Descobri que eu poderia contribuir para a sociedade, independente da profissão que fosse escolher, hoje sou professora da rede pública, sou mãe e esposa, e tenho orgulho de poder viver e trabalhar aqui no Grajaú. Esse lugar trouxe, mas também já levou pessoas maravilhosas que nunca mais esquecerei. O que importa são as pessoas, o Grajaú é o meu país”.

Bia Carvalho conclui o episódio enfatizando que o “Grajaú é um bairro que é morada de raízes e asas. Cultura latente do lado de cá da ponte. O Grajaú é feito de vida, de gente de todo o canto, que se estabeleceu e transformou o nosso sul paulistano”.



GRAJAÚVENTUDE REFORÇA O FUNK CONSCIENTE E SUA DEMOCRATIZAÇÃO NA PERIFERIA



Podcast do Portal Epifania aborda nesse episódio a terceira edição do Grajaúventude, a importância do funk consciente e o preconceito sofrido pelo gênero musical dentro da própria periferia. É um podcast que complementa a matéria “Grajaúventude reforça o funk consciente na periferia”, publicada no Portal Epifania, realizado por Rafael Xavier de Almeida.

O podcast tem início com o trecho da música “Grajaux”, de Criolo, entoada por Rafael, que destaca também que a vasta população do Grajaú demanda por representação cultural própria. Grajaú sempre teve uma representação ativa de uma juventude de atitude. No final de 2019, o poeta e compositor da região, Henrique Madeiros, realizou um projeto chamado Grajaúventude, convidando alguns rappers do Grajaú para discutirem sobre o que é ser jovem na periferia. A iniciativa fez muito sucesso e rendeu uma segunda edição focada no trap. O projeto evoluiu e está na terceira edição, agora enfatizando o funk. O Henrique e o Tiago (que é o produtor) cederam uma entrevista para o Portal Epifania focando sobre o projeto em si, o funk consciente, e como o gênero é visto no dia de hoje. Rafael fez a mediação, e a transcrição das entrevistas segue abaixo:

Henrique (idealizador do projeto) destaca que o projeto Grajaúventude “surgiu na minha cabeça quando eu estava no Ensino Médio ainda, eu comecei a frequentar um determinado partido político com jovens que não são jovens que vivem a minha realidade, nem uma realidade próxima assim, estudavam nas primeiras faculdades, tinham acesso a viajar para outros países e eu ficava pensando naquilo, era muito distante de mim. E eles tudo jovem também, mas vivendo num mundo totalmente diferente do nosso. Nesse meio tempo eu comecei também a integrar outros coletivos, participar do sarau Despertar, e isso me proporcionou ter contato com jovens artistas do Grajaú, isso me fez repensar o meu lugar. A imensidão de coisas boas que tem no Grajaú e eu saindo para ir num diretório lá na Paulista para pensar a minha vida, a vida da comunidade, se tem tudo isso aqui! Aí eu falei, não! A parada é com os jovens do Grajaú, a terceira edição a gente tem vontade de fazer edições que contemplem toda diversidade que é a juventude, porque juventude é diversa. Tem jovem fazendo funk, tem jovem fazendo trap, jovem fazendo umbek. Mas tínhamos essa vontade de fazer o funk. Podemos ler sobre os pontos negativos e positivos do funk, sobre a sua manifestação na rua, como se dá, o que acontece no momento. Mas é música, cultura, congrega as pessoas, não dá para fugir disso”.

Anderson – MC An., além de cabelereiro e motoboy, ele tem 12 anos de carreira no funk e é o integrante mais velho dessa edição: “Iniciei em 2008, na época a referência aqui no Grajaú era o MC Zói de Gato, foi na época dele. O funk sempre foi discriminado e antigamente, no começo, era demais. Aqui em São Paulo o funk não era tão impregnado, a nossa referência era mais do Rio de Janeiro”. Hoje em dia, “aqui em São Paulo, tem muito Mc, muito Mc bom”. Relata que o funk de São Paulo “deu uma crescida, uma expandida mais”. “O funk sofre uma discriminação muito grande dentro da própria periferia. E é uma cultura que nasce no abandono, uma cultura que é feita pela galera que tá no abandono, pela galera abandonada, então acho que nada mais justo do que dar voz também”.

Mc Wesley, o Mr Smith (16 anos) diz: “Vai vir para mostrar outra cara do funk, outro jeito. Porque realmente tem muito preconceito, porque o funk veio de um proibidão, do Zói de Gato, MC Barriga, esses Mcs passados. E também tem o funk proibidão que já fala de mulher, essas coisas que também [fizeram] o preconceito aumentar. E tem “nóis”, mano, que quer mostrar o funk consciente, o que acontece aqui dentro, que é o que o que tá na música. Então acho que dá pra mudar sim. Dá pra mostrar outra cara pro mundo, pro mundo em si, pro Brasil, que o funk não é só falar de mulher e



falar de crime organizado essas coisas. Funk também fala a realidade, fala tudo, do mesmo jeito que tem o funk romântico, tem o funk consciente e funk proibidão”.

Rafael destaca que existem problemas estruturais que envolvem o funk, e a “misoginia vem sendo um deles desde o seu surgimento”.

“Também é um processo político você começar a enxergar as coisas, todo mundo novo, você não tem noção do quão importante é a presença de uma mulher e o quão forte é a ausência de uma mulher nos espaços”.

A Livia, única mulher participante dessa edição, migrou do rap para o funk consciente, ela comenta um pouco sobre sua relação com o cenário local: “Eu já apresentei pequenos projetos meus e quando eu mostro as pessoas não colocam muita fé, percebo que só do olhar... assim, por eu ser menina mesmo, tem muito MC que é meio preconceituoso, que não acata, que dá aquele descrédito, que faz descaso também, que eu já percebi, que é bem complicado”.

Henrique: “a Livia... pra você ver o quão essa questão do machismo e de invisibilização da mulher... eu estava atrás de uma MC mulher para participar do trampo também e não conhecia, nunca ouvi falar de uma MC de funk mulher no Grajaú”.

Livia diz que acredita muito no funk consciente, que isso dá voz às mulheres. É uma oportunidade colocar mulheres nesses espaços.

Rafael diz que “depois dessa imersão do que foi e o que segue sendo o funk, Henrique nos contou sobre o refrão que escreveu”. “Eu escrevi o refrão da música pra ter um tema minimamente a se tratar: Grajaú é o lugar que amo, trombar os parceiros é o que me faz feliz, o que sonhei hoje estou conquistando, carrego sempre a quebrada dentro de mim...”. Continua dizendo que é o que “dá margem para você falar de prosperidade, de conquista, de amor ao território, valor da amizade. Joguei esse refrão pra eles, pra se divertirem e escrever em cima disso” (Henrique).

“Quando a gente junta um jovem de uma certa região prá cantar funk que é mais conscientizador, é eu representando não a mim, mas eu representando a juventude do Grajaú” (Livia).

“O Grajaúventude é um projeto que veio pra inspirar mais a molecada, e isso aí tem que ocorrer muito mais, porque talento a gente só descobre se a gente der oportunidade”.



UM PAÍS CHAMADO GRAJAÚ: PROJETO ESCOLAR GERA CARTOGRAFIA AFETIVA DO BAIRRO DA ZONA SUL DE SÃO PAULO



Participam da conversa os professores Carlos Amorim, professor de Geografia, Diego Navarro, professor de Língua Portuguesa, e Thabata Soares Damasceno dos Santos, professora de Ciências.



“O Grajaú figura entre os piores índices de desenvolvimento. E, a partir do momento que os alunos têm contato com esses números, gera uma certa angústia e eles começam a falar ‘como mudar isso?’”, defende o professor de Geografia, Carlos Amorim.

O trabalho foi idealizado após a revisitação do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que valoriza a interdisciplinaridade. “Um país chamado Grajaú” busca dialogar também com um trabalho iniciado em 2013, intitulado: “Grajaú, onde minha história começa”.

Segundo Diego, o fato demarcador do ponto de partida do projeto “Um país chamado Grajaú” foi o falecimento por afogamento de um ex-aluno, em janeiro de 2018, que “foi pegar um pipa” nas margens da represa Billings, que fica próxima da escola. A ideia era a de que as/os alunas/os “enten-



dessem o bairro em todas as suas potencialidades e não só como um lugar de perigo. Daí a necessidade de trabalhar tanto as coisas boas do bairro quanto aqueles problemas que também precisam ser solucionados”.

Integrados ao projeto, as/os alunas/os do 9º ano da EMEF Padre José Pegoraro criaram um mapa interativo e digital, com base no conceito da cartografia afetiva. Para Diego, essa conceituação parte do entendimento do território “no qual você é sujeito, a partir das relações que você trava com ele”. O que possibilita “entender o bairro não só como um pedaço do mapa, uma construção do Estado, mas sim como você se relaciona com aquele bairro, o que te traz de lembrança, o que te traz de história, de afeto mesmo”.



Dessa maneira, o mapa é baseado em material de pesquisa realizada pelas/os alunas/os que coletaram as informações através de visitas aos locais, de entrevistas e de registros escritos e fotográficos, e elaboraram um relatório. Esclarece Diego que “esse relatório, às vezes, pode ter aspectos relacionados aos componentes curriculares, algo relativo à disciplina de História e de Arte”, como também de Língua Portuguesa utilizada para formalizar o relatório. De modo que ocorre uma concatenação das disciplinas com o trabalho “de maneira bastante orgânica”. São desenvolvidos conteúdos teóricos para que, ao participarem das visitas, consigam fazer as explorações e as respectivas análises.





No áudio, você acompanha ainda o depoimento da professora de Ciências, Thabata Soares, que destaca um lado pouco conhecido da região: o da vasta área verde que ela compreende. “A gente fez um tour também pelo bairro ali, conhecer um pouquinho da história da Ilha do Bororé, que fica tão próxima deles – dá para ir a pé da escola até lá – e que muitos alunos não conheciam, porque o trajeto deles era da escola pra casa, da casa pra escola. E aí eles conheceram locais que eram próximos e que eles não tinham contato, não tinham acesso, não tinham conhecimento mesmo”.



O “grupo de meio ambiente”, acompanhado da professora Thabata, visitou a Casa Ecoativa, na Ilha do Bororé, seguido de tour pelo bairro: “Hoje, eles se orgulham de ser moradores do Grajaú. Um depoimento importante de uma aluna nossa, que é a Maira, de que ela parou de ver o bairro só no preto e no branco e começa a enxergar o bairro em suas diferentes cores, pelo fato dos sujeitos se sentirem pertencentes àquele bairro e capazes de lutar para que esse bairro consiga melhorar” (DIEGO NAVARRO).



Também entrevista Maria Vilani do CAPsARTES, um dos locais também visitados pelas/os alunas/as, que relata a rica experiência no trabalho com crianças e mães do Grajaú.

PARTE 3.

CURTA E MÉDIA-METRAGEM: OBRAS CINEMATOGRAFICAS OU VIDEOFONOGRÁFICAS

Na busca por esse tipo específico de mídia, verificou-se ser ela mais escassa do que as demais. Imaginamos que isso se dá por sua complexidade, com demandas de naturezas distintas, como maior investimento financeiro, aquisição e locação de equipamentos e de espaços, contratação de profissionais com diversas especialidades e parcerias necessárias para o seu desenvolvimento.

Inicialmente, não tínhamos conhecimento quanto à definição e à categorização dos vídeos, no caso dos média-metragem, o que somente foi possível à medida que nos aproximamos da realidade e fomos adensando os estudos e pesquisas bibliográficas sobre o tema .

No entanto, apesar de ser em menor número em relação às outras mídias aqui descritas, os curtas e médias-metragens localizados têm um valor importante, pois também apresentam, de forma densa e poética, a realidade do Grajaú a partir daqueles/as que lá vivem, existem e resistem. Cabe a anotação de que, já na fase final de editoração deste texto, localizamos o documentário “Grajaú na Construção da Paz”, feito como parte do trabalho de conclusão de curso de Aline Rodrigues, Thiago Borges e Sueli Reis Carneiro, em 2009, e que foi o início da *Periferia em Movimento*” (RODRIGUES, 2022, p. 36). Embora não incluso neste levantamento, avaliamos importante registrar essa produção e sua publicação no site do “curtadoc – uma janela para o documentário latino-americano”.



3.1 PERIFERICÚ



“Perifericú é um curta-metragem dirigido por 4 minas das quebradas de São Paulo. O filme fala sobre ser mulher, negra e LGBT no contexto das periferias de São Paulo. Enquanto poucas produções nacionais têm em sua equipe travestis ou trans, o curta-metragem é assinado por um trio de mulheres, que também assinam fotografia e produção – Vita Pereira, Nayara Mendl, Rosa Caldeira e Steffany Fernanda” (WikiFavelas).



“Dizem que sonhar é a certeza de que você está vivo. E essa anda sendo a minha maior preocupação”. “Quantos filmes de LGBT você já viu? Quantos filmes de LGBTs periféricos e negros você já viu? E quando faz, sempre é uma visão de fora pra dentro. Todos seguem a mesma estrutura de pessoas brancas, heteros e de burgueses fazendo”. “O que a gente está pensando é a alternância de poder. A gente precisa de novas pessoas para falar sobre periférico, vai falar sobre os nossos sonhos, vai falar sobre a nossa vida e é falar sobre o que a gente acredita também”.



O filme conta a história de duas amigas, Luz e Denise, que moram na Ilha do Bororé, no Grajaú. “Elas estão naquele momento da vida em que você é uma adolescente, meio jovem adulto e que as situações que você passa em sua vida te cobram uma posição. E a gente tem alguns elementos, que são elementos da nossa vida, e que a gente trouxe pro filme. Então gravamos no Grajaú que é o lugar onde eu moro, sempre morei na casa onde eu fui criada com pessoas da minha família, com pessoas da família de muita gente da equipe”. “Que a gente precisa da ajuda de vocês porque nós somos corpos coletivos, todas as nossas produções são movidas pela coletividade e é isso que é tendência, isso que é futurismo, isso é o que vai revolucionar as coisas. Acho que tem uma potência gigante na coletividade e na coletividade dos nossos”. “É sobre isso que a gente tá falando sobre ser LGBT, sobre ser mulher, sobre ser preta, sobre ser travesti”.

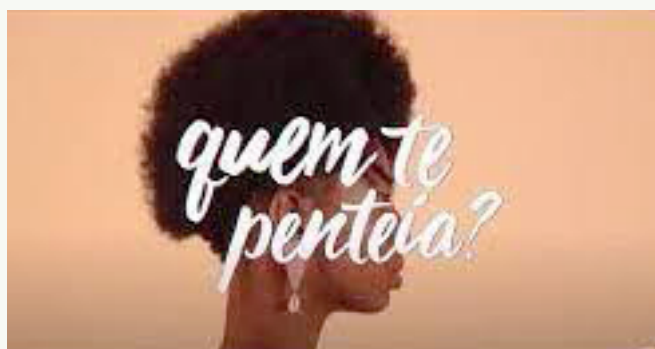




3.2 QUEM TE PENTEIA? DO CORTE CHAVOSO ÀS TRANÇAS NA PERIFERIA



“Quem te penteia?” é um filme idealizado e realizado em casas e vielas de bairros da periferia de São Paulo com a intenção de traduzir qual é a relação que trançadeiras em domicílio, salões de beleza, barbearias e moradores das quebradas estabelecem com o cabelo, o território e as estéticas que nascem das bordas da cidade.



Do corte chavoso às tranças, o documentário discute assuntos como ancestralidade, autoestima e economia solidária. O fio condutor é a busca constante de ser e viver a identidade preta e periférica da forma mais livre possível.

O documentário mostra o trabalho de cabeleireiros e cabeleireiras, barbeiros, trançadeiras nas periferias de São Paulo e Zona Central também, dentre elas o Grajaú com o “Espaço Boombox” de propriedade de um casal de jovens, que abriu um salão para atender a pessoas do bairro. Eles se conheceram em um coletivo do Grajaú e citam que a partir dessa ampliação dos contatos passaram a conhecer outros coletivos, como a Periferia em Movimento. Perceberam a importância desses espaços devido ao incentivo às pessoas a trabalharem com o que gostam. Sonham “estourar” (crescer o negócio), por isso o nome “boom” e “box”, e trabalham nesse local composto por pequenas lojas diversificadas. Também entendem que seu espaço pode ser um espaço de cultura, mas por enquanto o chamam de “experimento” devido a serem novos na área de cuidados com o cabelo.





3.3 CRIOLO – DUAS DE CINCO + CÓCCIX-ÊNCIA



Trata-se do videoclipe curta-metragem das músicas “Duas de Cinco” e “Cóccix-ência” de autoria do MC, cantor e compositor Criolo, dirigido por Cisma e produzido pela Paranoid.

O trabalho de Criolo foi realizado de forma independente, com artistas voluntários e estreades na arte de atuar. Cria um ambiente futurista em que o bairro é visto de forma pessimista pelo artista, considerando o contexto de abandono observado por ele no bairro onde cresceu. Fala da violência e da forma como os moradores convivem com ela no futuro.

O clipe reúne duas músicas que lhe dão nome e que mostram uma complementaridade entre si.










PARTE 4.

OUTRAS MÍDIAS:

REDES SOCIAIS – SITES E APLICATIVOS

Essa parte é integrada por algumas redes sociais localizadas no curso da pesquisa: Blogs, Instagram, Facebook, Twitter, e que avaliamos importante o registro, posto que reúne uma diversidade de informações que podem ampliar as possibilidades de acesso a assessorias, consultorias, eventos, empreendimentos, coletivos e serviços existentes no distrito do Grajaú e que estão listadas a seguir.

Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	CONTATO(S)	SÍNTESE DO CONTEÚDO
4.1	“Blog - Expressão Cultural Periférica (ECP)”	 Acesso em: 24 maio 2022	e-mail: ecperiferica@gmail.com . Celular: (11) 95854-6101 Valeria.	Blog sobre o coletivo de cultura da região do Grajaú, extremo sul de São Paulo.
4.2	“Facebook - Repórter solidário EM AÇÃO”	 Acesso em: 22 maio 2022	Repórter Solidário EM AÇÃO @reportersolidarioemacao Organização sem fins lucrativos Informações de contato adicionais (11) 97353-0510	Diversas reportagens sobre o distrito do Grajaú.
4.3	Grajaú Tem @grajautem01-jornal	 Acesso em: 23 maio 2022	Conta criada, no instagram, por @bonysilvaoficial , s/d.	Objetivo: “dar voz aos moradores do bairro do Grajaú que lutam por melhores condições de vida, cidadania e desenvolvimento”.
	4.3.1 Instagram:	 Acesso em: 23 maio 2022	Conta criada no Twitter em abril de 2012	“Lutamos por melhores condições de vida, cidadania e o desenvolvimento positivo do nosso bairro, como saúde, segurança, transporte, educação, informações e notícias”
	4.3.2 Twitter:	 Acesso em: 23 maio 2022	Inscreveu-se em 20 de novembro de 2011	Reportagens diversas - telejornal, rádio, vídeos, playlist sobre o distrito do Grajaú
	4.3.3 Youtube:	 Acesso em: 23 maio 2022	Dados não localizados	Diversas reportagens
4.4	Instagram Rede Nós por Nós	 Acesso em: 18 nov 2022	Dados não localizados	Produtora de Cultura Preta e Economia Periférica Grajaú @sankofahub.oficial Criatividade, inovação, tecnologia, eventos, consultoria e articulação. Casa de Cultura e Economia Periférica gestada pela @redenoispnois Somos um espaço de criatividade, inovação, afeto, articulação e desenvolvimento periférico.



PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS



Nesse item, abordaremos os caminhos metodológicos utilizados para localização, identificação e acesso às mídias audiovisuais pesquisadas. No entanto, inicialmente cabem duas observações. Em consenso grupal estabelecemos para a busca e seleção dos conteúdos das mídias os descritores: história, cultura e realidade social. Iniciada a busca pelas mídias através da plataforma Google, deparamos com uma primeira revelação: há outros “Grajaús” Brasil afora. Localizamos no estado do Maranhão as cidades de Grajaú, Itaipava do Grajaú e Barão de Grajaú. Também localizamos dois bairros com o nome “Grajaú” – um na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro/RJ e o outro situado na Região Oeste da cidade de Belo Horizonte/MG, o que exigiu redobrada atenção do grupo no momento de identificar os materiais pesquisados.

Na busca pela mídia curta-metragem, tanto pelo Google quanto pelo YouTube, foram localizadas três mídias elencadas no quadro 3 “**Tipo de mídia: curta e média-metragem: obras cinematográficas ou videofonográficas**”, sendo que em uma delas, a “Perifericú”, embora tenha havido indicações de acesso para seu conteúdo na íntegra, não houve sucesso.

2.1 LEVANTAMENTO E CATALOGAÇÃO DE MÍDIAS AUDIOVISUAIS

Para a coleta de informações, efetuamos a busca de mídias audiovisuais seguindo muitas indicações apontadas pelos diversos atores residentes no distrito, e também de outros locais, com as/os quais estabelecemos interlocuções. Ao longo do trabalho, a rota e os trajetos foram sendo traçados em conformidade com o fluxo de informações encontradas, por intermédio dos próprios materiais acessados. Por diversas vezes, o acesso a um material possibilitou a descoberta de tantos outros e assim seguimos, guiadas e encantadas pela diversidade, significância e intensidade contidas nos materiais localizados. As mídias foram inicialmente catalogadas em quadros, por ordem cronológica – da data mais recente para a data mais antiga.

Localizamos vídeos no YouTube, podcasts e obras cinematográficas ou videofonográficas – curtas e médias-metragens, que se constituíram em nossa fonte de pesquisa, demonstrada na Tabela 1.

Tabela 1 Fonte de pesquisa: mídias audiovisuais selecionadas

Tipo de mídia/ Plataforma	Nº	Período
Vídeos YouTube	26	2012 a 2022
Podcasts	10	2020 e 2021
Curta-metragem	2	2013 e 2014
Média-metragem	1	2019

Elaboração: Pesquisadoras NCS-SGD/PUC-SP - Levantamento mídias audiovisuais

Todos os conteúdos acessados foram visualizados e ouvidos na íntegra, com acompanhamento de anotações, apontamentos e transcrições de falas literais, posteriormente descritos sinteticamente. De modo que, ao acessar as sínteses que integram o presente relato, é possível obter informações sobre o conteúdo de cada um deles.



2.2 CARACTERIZAÇÃO DAS MÍDIAS AUDIOVISUAIS: TIPOS E FORMATOS

Com o propósito de caracterizar as mídias audiovisuais e compreender sua tipificação e seus formatos, partimos de algumas indagações: o que significam as mídias YouTube, os podcasts? Em que contexto e com que finalidade surgiram? Qual o seu meio de difusão? Qual é a denominação dada para aquelas/aqueles que produzem conteúdos por esses recursos? Por que atingiram tanta popularidade entre as mais diversas faixas etárias? Para essas e tantas outras perguntas, encontramos algumas explicações que se seguem.

Popularizado no Brasil, amplamente acessado e compartilhado – segundo o site Significados.com.br –, “You Tube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. O termo vem do Inglês ‘you’ que significa ‘você’ e ‘tube’ que significa ‘tubo’ ou ‘canal’, mas é usado na gíria para designar ‘televisão’”. Dessa maneira, prossegue informando que “o significado do termo ‘youtube’ poderia ser ‘você transmite’ ou ‘canal feito por você’”. O YouTube hospeda uma imensa quantidade de filmes, documentários, videocliques musicais e vídeos caseiros, além de transmissões ao vivo de eventos”.

Os podcasts, por sua vez, são textos, conversas, entrevistas transmitidas por áudios, e, em geral, têm o objetivo de transmitir informações sobre os mais diversos temas, podendo ser produzidos por qualquer pessoa. Apontam Barros e Menta que:

podcast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão) [de rádio], podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor. (BARROS; MENTA, 2007, p. 2)

A esse respeito, explica Rafael Campoi (2022) que, “numa comparação simplória, a mídia podcast se compara com uma Estação de Rádio, cada horário dessa estação tem seus programas com dinâmicas, temas e radialistas diferentes, assim também são os podcasts”. Esclarece que, nessa mídia, tal qual na realização dos “programas de rádio”, os conteúdos são publicizados periodicamente “(diário, semanal com um ou mais episódios, quinzenal, mensal etc.)”. Inclusive aponta que “muitas rádios transformam o conteúdo de seus programas em episódios de podcast”, de modo que, neste formato, “o programa de rádio possa ficar disponível durante mais tempo” (CAMPOI, 2022, nota de rodapé 82, p. 86).

A criação do conceito de podcasts é bem recente e “surgiu com um ex-VJ da MTV conhecido como Adam Curry. [...] O primeiro podcast do Brasil foi lançado em outubro de 2004 e era intitulado ‘Digital Minds’, de Danilo Medeiros, que falava sobre tecnologia”. No ano de 2006, foi criada a associação a ABPod – Associação Brasileira de Podcasters “com o objetivo de coordenar, orientar e representar locutores, produtores, comentaristas e divulgadores do podcast brasileiro”.

No que se refere às mídias de curta e médias-metragens, na Medida Provisória n. 2.228-1/2001, em seu art. 1º, incisos VII e VIII, “entende-se como obra cinematográfica ou videofonográfica de **curta-metragem**: aquela cuja duração é igual ou inferior a quinze minutos” e de “**média-metragem**: aquela cuja duração é superior a quinze minutos e igual ou inferior a setenta minutos” (BRASIL, 2001 – grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aproximação com o território do Grajaú, tendo como mediação a arte e suas manifestações culturais produzidas e construídas por aqueles/as que vivem, pulsam e estão nele imersos, foi permeado por descobertas, encantos e potências.

As mídias audiovisuais que tivemos a oportunidade de acessar apresentam a expressão e o registro de um passado, mais ou menos recente, de construções simbólicas, objetivas e materiais acerca da história, do cotidiano e da realidade social de pessoas que moram “do lado de lá das pontes”.

Dentre a centralidade das manifestações, há o destaque para a inércia, a omissão e o descaso do poder público em relação às políticas sociais que poderiam assegurar seus direitos. Nessa direção, seus moradores não se calam e encontram na cultura, na arte e na mobilização social formas de denúncia e luta. Ao mesmo tempo, paira nos conteúdos um clima contagiante de afeto, proteção e solidariedade que nutre as relações comunitárias e sociais ali expressas nos diferentes meios de comunicação virtual aos quais tivemos acesso.

Nessa direção, muitas bandeiras estão hasteadas com a perspectiva dos direitos humanos e sociais. Dentre elas, destacamos, os direitos das mulheres, dos adolescentes, dos jovens, das crianças, dos idosos etc.

Nessas produções, não raro estiveram em pauta a força das mulheres, a busca por direitos e oportunidades dos jovens, a questão racial e das comunidades LGBTQIA+, a violência, a proteção de crianças e adolescentes, os aspectos relacionais dos jovens, o direito à moradia digna, a mobilidade urbana, o acesso à saúde, a ampliação de vagas em creches, a inclusão das pessoas com deficiência, o direito à cidade, dentre outros temas e demandas. Inúmeras foram as formas de expressão, de denúncias dos seus desafios, das mobilizações coletivas de enfrentamentos e resistências.

A narrativa comum, nos diferentes conteúdos, expressa “orgulho” pela trajetória daquela população que vem construindo “quase que com as próprias mãos” uma perspectiva de futuro mais acolhedor e garantidor de direitos para os seus. Incansáveis, contribuem para o registro dos seus passos por intermédio dos diferentes mecanismos mais contemporâneos e, de certo modo, asseguram o não esquecimento, o pertencimento, a identidade, e a busca de direitos que só são conquistados com muita luta e mobilização social.

No *podcast* “O que Grajaú representa para você?” , que traz depoimentos de alguns moradores que vivem no Grajaú, Andreia Lobo chama a atenção para algo que é muito caro a nós pesquisadoras: “que na caminhada em conhecer, reconhecer e valorizar o Grajaú não basta apenas acessar dados e as estatísticas geográficas que as mídias publicam, para conhecer a essência do Grajaú é preciso continuar a ouvir as pessoas que aqui vivem”. A afirmação de Andreia traduz o fio condutor que guiou as pesquisadoras: conhecer a realidade social do Grajaú a partir daqueles/as que lá vivem.

Os conteúdos acessados nesse levantamento dialogam e lançam luzes sobre os dados sistematizados nas etapas 1 e 2 da pesquisa, ampliaram a aproximação ao território sob a ótica daquelas e daqueles protagonistas que estão “na frente de luta” e que com seus saberes, memórias e resistências, escreveram e escrevem a história do Grajaú. Desenham algo concreto ao demonstrar que as periferias, assim “no plural”, podem se conectar e representar pessoas para além do Grajaú, reivindicar e produzir conhecimentos. Produções que contribuíram para desvendar os modos de ser, existir e resistir no território. Das lutas, existências e resistências de um povo diverso, inquieto, incomodado, solidário, que mesmo diante de desigualdades territoriais, ambientais, digitais e de conectividade, raciais, buscam coletivizar as lutas, e têm na arte uma potente mediação.

Foi ainda possível identificar em inúmeras artes produzidas no Grajaú a denúncia e o registro

da ausência e/ou insuficiência de políticas sociais básicas e de como a população se expressa através dos movimentos sociais e de coletivos ali presentes em busca da garantia do acesso a esses direitos. Falam não somente das dificuldades, das diversidades, dos dissensos, mas da luta por alcançar com dignidade o que é direito, inclusive o de sonhar. Sonhar sim! Por vezes, esta é a única possibilidade que as/os protagonistas que integram este trabalho vislumbram em contexto de tantas vulnerabilizações, explorações e adversidades. Daí a menção recorrente ao “sonho” que se faz presente:

no “Manifesto” de crianças e adolescentes da EMEF Padre. José Pegoraro que habitaram esse território no ano de 2013 e que se fez bandeira de luta permanente ao afirmarem: “nós, os alunos da EMEF Padre José Pegoraro, **também sonhamos com a melhoria do Grajaú**”;

nos desafios impostos pela realidade onde muitos estão imersos, por exemplo, “a juventude insegura, sem trabalho nem renda, **sem direito de sonhar**” e que alerta para a permanente vigilância e para o “**sonhar de olhos abertos, sem tirar os pés do chão**”;

também está demarcado na concepção do território configurado como espaço de possibilidades, de expansão, e de realizações evocadas por Maria Vilani quando afirma: “Grajaú é o meu país. É nele que vivo, trabalho, **crio e sonho todos os meus sonhos**”;

na via de resistência possível encontrada por Joseph Rodriguez, multiartista trans do Grajaú quando diz que vê no trap a possibilidade de falar “para os ouvidos da periferia para a periferia, para as pessoas negras, entender que eu, enquanto corpo trans negro, racializado, posso também estar nesse lugar e falando desses nossos corpos no submundo, **mesmo falando do que a gente sonha nessas relações**, de que a gente tem encontros **para sonhar** e de que a gente quer sempre estar aberto” . Fala que reverbera e valida a manifestação de uma das atrizes do curta-metragem “Perifericú”: “dizem que **sonhar é a certeza de que você está vivo**. E essa anda sendo a minha maior preocupação”.

Com estas importantes “descobertas” finalizamos este relato fazendo reverberar o grito: “**a nossa arte periférica resiste, resistência é também força, potência. Dor de perder um jovem aluno, quantas mortes de jovens periféricas são silenciadas? A morte é uma realidade para todas, mas quando se trata de Brasil, a morte ainda é uma realidade periférica**”. Assim, “é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar” na definição utilizada por Paulo Freire e repetida nos conteúdos, que parece dar o tom de um porvir. Um porvir com esperança, ação, envolvimento e luta. “**Esperançar uma comunidade mais etnicoconsciente, esperançar no coletivo, juntar-se com outro para fazer de outro modo. Esperançar é sonhar coletivo, dar as mãos e aprender a fazer. É um espaço de escuta, e também um espaço de memórias**”.

Seguimos na convicção de que do “lado de cá da ponte” pulsa vida, resistência, solidariedade, sendo este material uma forma de conhecer o território a partir das muitas vozes que são ecoadas por quem nele vive e resiste cotidianamente.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Sylvia. Meninas abandonam estudos e tentam suicídio após entrar para lista das “mais vadias”. Moda entre alunos da periferia de SP, “TOP 10” circula na internet e até dentro das escolas. **R7**, São Paulo, 27 maio 2015. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/meninas-abandonam-estudos-e-tentam-suicidio-apos-entrar-para-lista-das-mais-vadias-27052015>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BARROS, Gílian C.; MENTA, Eziquiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**. v. IX, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epic/article/view/217>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BERNADAZZI, Rafaela; COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual. **Revista Comunicare**. Volume 17 – Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero. s/d. p. 146-160. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-7-Comunicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

BIBLIOO – cultura informacional 10 Anos. **Como saber se uma fonte de informação é confiável ou não?** Publicado em 10 jul. 2018. Disponível em: <https://biblioo.info/como-saber-se-uma-fonte-de-informacao-e-confiavel-ou-nao/>. Acesso em: 7 abr. 2022.

BORGES, Thiago. Luto e orfandade: falta apoio para crianças e adolescentes que perderam pai ou mãe para covid-19. **Periferia em Movimento**, 13 jul. 2022. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/orfandadecovid072022/>. Acesso em: 17 set. 2022.

BRASIL. **Medida Provisória** n. 2.228-1 de 6 de setembro de 2001. Estabelece princípios gerais da Política Nacional de Cinema, cria o Conselho Superior do Cinema e a Agência Nacional do Cinema – ANCINE, institui o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional e dá outras providências. Brasília/DF: 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2228-1.htm. Acesso em: 22 nov. 2022.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990.

CAMPOI, Rafael Candeloro. PATERNIDADES: perspectiva sócio-histórica e expressões em mídias sociais. São Paulo: [s.n.], 2022. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/28405/1/Rafael%20Candeloro%20Campoi.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2022.

COELHO, Luisa. Conheça Enivo, um dos grafiteiros mais atuantes da cidade. Artista fala em entrevista sobre a infância no Grajaú e o mural apagado por estudantes na Paulista. Confira fotos de seus trabalhos. **VEJASP**, 29 out 2014, 19h47. Atualizado em 1º jun. 2017, 17h12. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/enivo-grafite-entrevista/>. Acesso em: 25 out. 2022.

IF SJDR – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. **Biblioteca explica como referenciar um vídeo no YouTube**. São João Del Rei, 1º mar. 2021. Disponível em: <https://www.ifsudestemg.edu.br/noticias/sjdr/2021/03/biblioteca-explica-como-referenciar-um-video-no-youtube>. Acesso em: 6 abr. 2022.

EQUIPE EDUCAMUNDO. **Introdução à cibernética, universo digital e conceitos fundamentais**. 14 mar. 2018. Disponível em: <https://www.educamundo.com.br/blog/cibercultura-curso-online>. Acesso em: 5 set. 2022.

FÁVERO, Eunice T. (Org.). **Crianças, adolescentes, jovens e direitos fundamentais: aproximações aos dados da realidade social em distritos de exclusão da cidade de São Paulo**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022. Disponível em: https://www.editoranavegando.com/_files/ugd/35e7c6_3b74784783b44a44ae571c7039e32cd3.pdf. Acesso em: 24 jul. 2022.

FMCSV – Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. **Desigualdades e impactos da covid-19 na atenção à primeira infância**, set. 2022. Disponível em: <http://www.fmcsv.org.br>. Acesso em: 23 fev. 2023.

GOBBI, Márcia. “NÓIS” é ponte e atravessa qualquer rio: notas sobre mulheres, crianças, coletivos periféricos e o comum (ou, quando a pandemia é apenas mais um elemento). **Cad. Cedes**, Campinas, v. 42, n. 118, p. 359-372, set.-dez. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/czDzHhHsDHQBjT77ML84PXD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2022.

MEDEIROS, Tainá Freitas. Representatividade do nós para nós. **Periferia em Movimento**. 19 nov. 2020. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/tainamedeiros/>. Acesso em: 1º set. 2022.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Pobreza, desemprego e retrocessos na saúde e na educação colocam infância em risco**. Publicado em 23 fev. 2023. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/pesquisaprimeirainfancia022023/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Pré-escola: exclusão atinge principalmente crianças pretas, pobres e filhas de mães jovens e de baixa escolaridade, diz estudo**. Publicado em 6 fev. 2023. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/preescolaexclusao022023/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

RODRIGUES, Aline (org.). **Repórter da quebrada: experimentações marginais nas práticas jornalísticas**. 1. ed. -- São Paulo: Associação Periferia em Movimento, 2022.

VITÓRIA, Júlia. Sem aula, sem merenda: o impacto da pandemia na alimentação de crianças distantes da escola. **Periferia em Movimento**, 27 ago. 2021. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/merendapandemia/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

XAVIER, Getúlio. Em 10 anos, reportagens sobre o racismo estrutural aumentam, mas a abordagem ainda é superficial. **Carta Capital**, 27 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/em-10-anos-reportagens-sobre-o-racismo-estrutural-aumentam-mas-a-abordagem-ainda-e-superficial/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

ZOCCHIO, Guilherme. Deserto alimentar, Grajaú luta contra o coronavírus e a falta de políticas públicas. **O Joio e o Trigo** – Jornalismo investigativo sobre alimentação, saúde e poder. Caderno Cultura Alimentar, 1º jul. 2020. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/07/ambiente-alimentar-sp-grajau-deserto/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FONTES DE DADOS

1. Vídeos YouTube

- 1.1** Fomos conhecer o cantinho do artista – Onda FM 87,5. Instituto Solidário do Bem. Radio Onda FM. 4:29. 9 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t4qN6OEusE0>. Acesso em: 22 maio 2022.
- 1.2** Inaugurada Unidade de Pronto Atendimento na região do Grajaú. TV C MARA SÃO PAULO – reportagem de Carol Flores para Rede Câmara São Paulo, 31 jan. 2022. 2:57. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UwTjSrlC-Ug>. Acesso em: 7 abr. 2022.
- 1.3** Conheça o projeto vencedor da Categoria III do Prêmio Paulo Freire 2020. Publicado pela Câmara Municipal de São Paulo, 26 set. 2021. 4:10. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ml4SA4Rt_xE. Acesso em: 23 maio 2022.
- 1.4** Moradores da região do Grajaú estão sem Pronto-Socorro há mais de 3 meses. Rede TVT – Jornal Brasil Atual, 2 jul. 2021. 6:15. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z6NywYOUThE>. Acesso em: 6 abr. 2022.
- 1.5** Parque do Grajaú reúne arquitetura, urbanismo e natureza, e pede mais atenção: o Cantinho do Céu. Publicado por Raul Juste Lores, São Paulo Nas Alturas, 3 jun. 2021. 11:25. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GnwgrmLyWIs>. Acesso em: 24 maio 2022.
- 1.6** Um país chamado Grajaú. Publicado por Sergio Souza, 20 maio 2021. 8:40. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3aO5r3VPG78>. Acesso em: 23 maio 2022.
- 1.7** Mel por aí: Conheça o bairro de Grajaú (SP). Publicado por Vídeos e mais, 25 set. 2020. 8:31. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmzE5T8KvM8>. Acesso em: 24 maio 2022.
- 1.8** Do Grajaú a Santo Amaro – A evolução do bairro (parte 1). Kleber 93. 9:59. 19 jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fx_OzcaPxVw. Acesso em: 24 maio 2022.
- 1.9** Grajaú meu país parte 2. Publicado por Olho Mágico. Ederson Rossi, 30 maio 2020. 1:55. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xu0kq58ZuYE>. Acesso em: 24 maio 2022.
- 1.10** Grajaú. Revoar Drones. 13:21. 3 jan. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IGsmD-jWjaqU>. Acesso em: 24 maio 2022.
- 1.11** Futebol e solidariedade: o Natal dos Meninos do Brejo, no Grajaú, zona sul de SP. Ponte Jornalismo, 24 dez. 2019. 4:18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=amPAREWnhcE>. Acesso em: 7 abr. 2022.
- 1.12** #Matriarcas: Adélia Prates. Periferia em Movimento. Idealizada por Lucimeire Juventino. 7:39. 13 mar. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=63dSpg3JQql>. Acesso em: 15 set. 2022.
- 1.13** Um país chamado Grajaú – EMEF Padre José Pegoraro. Publicado pelo Instituto Tomie Ohtake. 5:15. 12 dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mYGjHUmCF6g>. Acesso em: 23 maio 2022.
- 1.14** Um giro no Grajaú – O Giro da Periferia. Webdocumentário. O Giro da Periferia. Produtores: Ana Beatriz Felício; Miréia Lima e Wallace Leray. 22 nov. 2018. 8:29. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RnKJTxAzOP0>. Acesso em: 7 abr. 2022.

1.15 VLOG Lugares Baratos para Conhecer no Grajaú – Desafio Méliuz. Publicado por Jáquecacheia, 7 nov. 2018. 37:00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AfiR4zlwDvw&t=1668s>. Acesso em: 23 maio 2022.

1.16 Grajaú, um desenho de cultura. NCA Núcleo de Comunicação Alternativa. 39:53. 26 fev. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OiGg_iFM6a8. Acesso em: 24 maio 2022.

1.17 Documentário Grajaú conta Dandaras, Grajaú conta Zumbis. Cia. Humbalada. 53:47. 10 maio 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TojUfW7svB8&t=689s>. Acesso em: 24 maio 2022.

1.18 “Pagode da 27” faz roda de samba no Grajaú. Jornal da Gazeta, 17 maio 2017. 3:35. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3_HXshZW1jg. Acesso em: 7 abr. 2022.

1.19 Seu bairro, nossa cidade – São Paulo – Grajaú. Rádio CBN, 25 ago. 2016. 1:31. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=83Nx374Uv58>. Acesso em: 6 abr. 2022.

1.20 CRIOLO fala sobre a CULTURA no GRAJAÚ. The Skateout. 13 jul. 2016. 7:54. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d5e2pvJHSgc>. Acesso em: 24 maio 2022.

1.21 Grajaú tem grafitaço feminista contra “Top 10” e machismo. Rede TVT, 25 maio 2015. 4:08. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tLfgSaaVPBY>. Acesso em: 11 fev. 2023.

1.22 Entrevista com o grafiteiro e socioeducador do Ateliê Daki Gelson. Canal NNA – Entrevista realizada no Ateliê Daki no bairro do Grajaú na Zona Sul de São Paulo, 27 ago. 2014. 5:07. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gDxfbRzmrs>. Acesso em: 30 maio 2022.

1.23 Grajaú, onde minha história começa. Carlos Amorim. Documentário desenvolvido pelos alunos da EMEF Padre José Pegoraro. Coordenação Prof. Carlos Amorim em parceria com Design For Change Brasil. Supervisão geral de edição: Daniel Carezzato e Pablo Mendonza. 7 dez. 2013. 15:09. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KWiNpp1yfOw>. Acesso em: 22 out. 2022.

1.24 História do Coletivo Expressão Cultural Periférica (ECP) Grajaú – SP. Expressão Cultural Periférica. 14:48. Gravado em 2013 e publicado 9 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mdz-B2Re5nEo>. Acesso em: 24 maio 2022.

1.25 Grajaú – História do bairro de São Paulo/SP. Publicado por Jeferson Russel. 3 maio 2013. 26:28. Disponível em: <https://youtu.be/8s35aXMSz7E>. Acesso em: 4 maio 2022.

1.26 Grajaú – na Boca da Belmira. Direção e Produção: Elisângela Duarte, 17 dez. 2012. 1:30. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kMvQQhtrEvk>. Acesso em: 24 maio 2022.

2. Podcasts – Plataforma Spotify – <https://www.spotify.com>

2.1 Episódio Na ponta do Esmeralda, um pulo no Grajaú. Próxima Parada/Agência Mural. 13:15. dez. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4SD65bnmPCNi8F0VdihJzV>. Acesso em: 8 mar. e 1 set. 2022.

2.2 Episódio Estrela do 3º Milênio: a escola de samba do Grajaú. Próxima Parada/Agência Mural. 18:00. 28 set. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0jNv6CUcUMNgbj71fOzq>. Acesso em: 10 out. 2022.

2.3 Episódio Conheça Joseph Rodriguez, multiartista trans do Grajaú. Próxima Parada/Agência Mural. Ana Beatriz Felício e Rômulo Caldeira. 15:00. 21 jul. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0X6bKWkr6pJwIZOtGZxBeX>. Acesso em: 10 out. 2022.

2.4 Podcast – Quebra das ideias – Especial PCDs – #03 Como é o dia a dia das pessoas com deficiência na quebrada? Periferia em Movimento – produtora independente de jornalismo da quebrada sediada no Grajaú. 4:00. 23 set. 2021. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/us/podcast/quebra-das-ideias-especial-p-cds-03-como-%C3%A9-o-dia-a/id1505505458?i=1000536391768>. Acesso em: 8 mar. 2022.

2.5 Podcast – CEDECA Cast. O ECA Resiste! Crianças e adolescentes e os 31 anos de luta. Nos seus 31 anos do Eca foi criada a SEMANCA (Semana de Mobilização do Estatuto da Criança e do Adolescente) com diversas atividades e de podcast por adolescentes que frequentam o Circo Social na região do Grajaú. 14:13. 30 jul. 2021. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/co/podcast/cedeca-cast/id1581191016>. Acesso em: 8 abr. 2022.

2.6 Podcast – Episódio 3 – Grajaú, identidade e afetividades. CAPsArtes. Narração: Bia Carvvalho e Livia Jacob. 20:60. 10 out. 2020. Disponível em: <https://anchor.fm/poddocaps/episodes/Pod-do-Caps---Ep-3--Graja--identidade-e-afetividades-ekpv47>. Acesso em: 17 set. 2022.

2.7 Podcast – Episódio 4 – Grajaú: Arte, educação e cultura. Para conhecer o Grajaú em suas questões estruturais, arte e educação através de uma linha do tempo contada a partir do olhar de duas convidadas: Ana Carolina Lucas e Fátima Queiroz. CAPsARTEs. Narração: Bia Carvalho e Livia Jacob. 36:38. 17 out. 2020. Disponível em: <https://anchor.fm/poddocaps/episodes/Ep-4---Graja-Arte--educacao-e-cultura-el4joa>. Acesso em: 17 set. 2022.

2.8 Podcast – Episódio 5 – Depoimentos. O que o Grajaú representa pra você? Depoimentos de moradores que fizeram do Grajaú a sua morada e construíram as suas histórias. CAPsARTEs. 14:41. 24 out. 2020. Disponível em: <https://anchor.fm/poddocaps/episodes/Ep--5---Depoimentos--O-que-o-Graja-representa--pra-voc-elc9r3>. Acesso em: 17 set. 2022.

2.9 Podcast – Episódio 1 – Grajaúventude reforça o funk consciente e sua democratização na periferia. Portal Epifania. Rafael Xavier Almeida – Grajaúventude reforça o funk consciente na periferia. 14:30. 18 jul. 2020. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/il/podcast/portal-epifania-graja%C3%BAventude-refor%C3%A7a-o-funk-consciente/id1524293809>. Acesso em: 17 set. 2022.

2.10 Podcast – Episódio – Um país chamado Grajaú: projeto escolar gera cartografia afetiva do bairro da zona sul de São Paulo. Instituto Claro. 8:20. 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/um-pais-chamado-grajau-projeto-escolar-gera-cartografia-afetiva-do-bairro-da-zona-sul-de-sao-paulo/>. Acesso em: 6 set. 2022.

3. Curta e média-metragem: obras cinematográficas ou videofonográficas

3.1 Perifericú. Direção: Nayara Mendl, Rosa Caldeira, Stheffany Fernanda e Vita Pereira. Plataforma Catar-se/Na Quebrada festival de Cinema/2019. Trailer. 1:45. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ljrfGAqr9mk&t=105s>. Acesso em: 23 maio 2022.

3.2 Quem te Penteia? Do corte chavoso às tranças na periferia. Dir. Nina Vieira. Zalika Produções. 25 out. 2019. 35:00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vljM4FzFNUw & t=1631s>. Acesso em: 23 maio 2022.

3.3 Criolo – Duas de cinco + Cócix-ência. Dir. e grav. Oloko Records. Roteiro: Denis Cisma. 18 mar. 2014. 9:36. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MCtVS9wh26Y?feature=oembed&w=500&h=281%5D>. Acesso em: 23 maio 2022.

4. Outras Mídias Audiovisuais: redes sociais – sites e aplicativos

4.1 Blog Expressão Cultural Periférica (ECP). Contatos: ecperiferica@gmail.com. Celular: (11) 95854-6101 Valeria. Disponível em: <https://ecperiferica.blogspot.com/>. Acesso em: 24 maio 2022.

4.2 FaceBook – Repórter solidário EM AÇÃO. Diversas reportagens sobre o distrito do Grajaú. Disponível em: <https://www.facebook.com/reportersolidarioemacao/>. Acesso em: 22 maio 2022.

4.3 Grajaú Tem@grajautem01-jornal.

4.3.1 Instagram – Grajaú Tem@grajautem01-jornal. “Objetivo: dar voz aos moradores do bairro do Grajaú que lutam por melhores condições de vida, cidadania e desenvolvimento”. Conta criada, no instagram, por

@bonysilvaoficial, s/d. Disponível em: <https://www.instagram.com/grajautem/>. Acesso em: 23 maio 2022.

4.3.2 Twitter – Grajaú Tem@grajautem01-jornal. “Lutamos por melhores condições de vida, cidadania e o desenvolvimento positivo do nosso bairro, como saúde, segurança, transporte, educação, informações e notícias”. Conta criada no Twitter em abril de 2012. Disponível em: <https://twitter.com/grajautem>. Acesso em: 23 maio 2022.


4.3.3 Youtube – Grajaú Tem@grajautem01-jornal. Reportagens diversas – telejornal, rádio, vídeos, playlist sobre o distrito do Grajaú. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/grajautem/playlists?app=desktop>. Acesso em: 23 maio 2022.






4.4 Instagram – Rede Nós por Nós. Produtora de Cultura Preta e Economia Periférica Grajaú @sankofahub. oficial. Criatividade, inovação, tecnologia, eventos, consultoria e articulação. Casa de Cultura e Economia Periférica gestada pela @redenoisnois. Somos um espaço de criatividade, inovação, afeto, articulação e desenvolvimento periférico. Disponível em: <https://www.instagram.com/sankofahub.oficial/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

QUADRO 1 TIPO DE MÍDIA: VÍDEOS YOUTUBE

Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	EMPRESA E/OU LOCAL; DIRETOR E/OU PRODUTOR - DATA-ANO	TEMPO	SÍNTESE DO CONTEÚDO
1.1	“Fomos conhecer o cantinho do artista. Instituto solidário do Bem”.	 Acesso em: 22 maio 2022	Publicado pela Onda FM 87,5. 9 maio 2022.	4:29	Revela grandes talentos. Espaço artístico e cultural para inclusão social. Promove a cultura na região.
1.2	“Inaugurada Unidade de Pronto Atendimento na região do Grajaú”.	 Acesso em: 7 abr. 2022	Publicado pela TV Câmara São Paulo - reportagem de Carol Flores para Rede Câmara São Paulo. 31 jan. 2022.	2:57	Inauguração da UPA “Dona Maria Antonieta Ferreira de Barros” - Porte 3 - Unidade de Pronto Atendimento 24 horas - instalada em substituição ao Pronto-Socorro, com o mesmo nome, que funcionou até meados do mês de abril/21.
1.3	“Conheça o projeto vencedor da Categoria III do Prêmio Paulo Freire 2020”.	 Acesso em: 23 maio 2022	Publicado pela Câmara Municipal de São Paulo. 26 set. 2021.	4:10	Aborda as questões do bairro do Grajaú, a EMEF Padre José Pegoraro conquistou o 1º lugar na Categoria III do Prêmio Paulo Freire 2020 com o projeto “Um país chamado Grajaú: cartografia afetiva do bairro, sua história, personagens, coletivos e organizações sociais”, realizado pelos professores Thabata Soares Damasceno dos Santos, Michelle Santana de Almeida, Lucidalva de Azevedo Ribeiro Gonçalves e Carlos Alberto Ribeiro de Amorim.
1.4	“Moradores da região do Grajaú estão sem Pronto Socorro há mais de 3 meses”.	 Acesso em: 6 abr. 2022	Publicado pela Rede TVT - Jornal Brasil Atual – reportagem de Larissa Bohrer. 2 jul. 2021.	6:15	A reportagem enfoca que os moradores do Grajaú/São Paulo, há mais de três meses “estão sem as duas unidades de pronto-socorro (PS)” - destinado a atender urgências de “quase um milhão de pessoas que vivem na região”
1.5	“Parque do Grajaú reúne arquitetura, urbanismo e natureza, e pede mais atenção: o Cantinho do Céu”.	 Acesso em: 24 maio 2022	Publicado por Raul Juste Lores - São Paulo Nas Alturas. 3 jun. 2021.	11:25	“Um dos cenários naturais mais surpreendentes de São Paulo. Um parque linear de 7km às margens da Billings. Uma reurbanização que melhora (e muito) a qualidade de vida do distrito mais populoso da capital. Reduto de vários dos maiores grafiteiros da cidade. Mas a obra se arrasta há 13 anos. Iniciada no governo Kassab, foi interrompida nas gestões Haddad e Doria, e só retomada na gestão Bruno Covas. Apenas um terço do parque foi entregue, e a manutenção do primeiro trecho está longe do ideal. Ainda assim, os arquitetos e urbanistas Elisabete França e Marcos Boldarini mostram o potencial natural, econômico e turístico de um parque que recebe bem menos atenção que aqueles localizados em áreas “privilegiadas”.

Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	EMPRESA E/OU LOCAL; DIRETOR E/OU PRODUTOR - DATA-ANO	TEMPO	SÍNTESE DO CONTEÚDO
1.6	“Um país chamado Grajaú”.	 Acesso em: 23 maio 2022	Publicado por Sergio Souza. 20 maio 2021.	8:40	Vista aérea do distrito do Grajaú.
1.7	“Mel por aí: Conheça o bairro de Grajaú (SP)”.	 Acesso em: 24 maio 2022	Publicado por Vídeos e mais. 25 set. 2020.	8:31	Mostra locais diversos do distrito do Grajaú, com ações afirmativas, coletivos e projetos de inclusão social.
1.8	“Do Grajaú a Santo Amaro - A evolução do bairro (parte 1)”.	 Acesso em: 24 maio 2022	Publicado por Kleber 93. 19 jun. 2020.	9:59	Morador do bairro há 30 anos, Kleber percorre as principais avenidas do bairro, entremeando as narrativas com a identificação de pontos e espaços de referências, suas evoluções e as peculiaridades da vida cotidiana.
1.9	“Grajaú meu país parte 2”.	 Acesso em: 24 maio 2022	Publicado por Olho Mágico. Ederson Rossi. 30 maio 2020.	1:55	“O melhor país do mundo- Grajaú”. Aborda alguns lugares do Grajaú
1.10	“Grajaú”.	 Acesso em: 24 maio 2022	Publicado por Revoar Drones. 3 jan. 2020.	13:21	Visão aérea e panorâmica do Grajaú ao som da Música “Bem vindo ao Grajaú” - de Fabinho Dukavaco.
1.11	“Futebol e solidariedade: o Natal dos Meninos do Brejo, no Grajaú, zona sul de SP”.	 Acesso em: 07 abr 2022	Publicado por Ponte Jornalismo. 24 dez. 2019.	4:18	O projeto social Meninos do Brejo – funciona desde 1998 - “[...]reúne cerca de 100 crianças e adolescentes para jogar futebol no extremo sul de SP termina o ano com doações de chuteiras e uniformes. Fogos de artifícios queimando no céu do Jardim Itajaí, na região do Grajaú, e o vira-lata bob correndo à frente de dezenas de meninos e meninas para entrar no campinho de terra ao lado do córrego que margeia o bairro anunciaram o começo da festa de Natal dos Meninos do Brejo, na tarde do último domingo (22/12[2019]). Crianças e adolescentes do projeto independente Meninos do Brejo, muitos em situação de vulnerabilidade social, foram divididos em times de diferentes categorias para enfrentar uma equipe do bairro vizinho Jardim Sete de Setembro”.

Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	EMPRESA E/OU LOCAL; DIRETOR E/OU PRODUTOR - DATA-ANO	TEMPO	SÍNTESE DO CONTEÚDO
1.12	“#Matriarcas: Adélia Prates”		Publicado por Periferia em Movimento - Idealizada por Lucimeire Juventino. 13 mar. 2019.	7:39	“Adélia Prates é uma mulher que, mesmo diante de todas as injustiças, encontra forças para lutar. Da infância com pobreza, machismo e racismo entre o interior paulista e da Bahia, ela chega à capital para trabalhar em casas da elite. Aprende a ler e escrever após os 20 anos, casa-se e vem morar no Grajaú, Extremo Sul de São Paulo, quando tudo ainda era mato. É neste território que Adélia age politicamente: na luta pelo pão e contra a inflação da carne, do fechamento de avenida para evitar atropelamento à ocupação de escola por melhores condições de ensino, em plena ditadura militar ela e outras mulheres cavaram os alicerces para que as lutas nas periferias ganhassem força. E essa liderança que fundou e presidiu a Associação de Mulheres do Grajaú é a primeira entrevistada de “Matriarcas”, série de reportagens idealizada pela escritora e professora da região Lucimeire Juventino e realizada pela Periferia em Movimento”.
1.13	“Um país chamado Grajaú - EMEF Padre José Pegoraro”		Publicado por Instituto Tomie Ohtake. 12 dez. 2019.	5:15	Vídeo do projeto selecionado no 4º Prêmio Territórios. Projeto realizado por professores e alunos da EMEF Padre José Pegoraro. Objetivos- levantamento das principais fontes de projetos existentes no Grajaú; conhecer as lideranças e lugares do território; fotografar locais com objetivo de criar um mapa interativo.
1.14	“Um giro no Grajaú - O Giro da Periferia”.		Webdocumentário - Produtores: Ana Beatriz Felício; Miréia Lima e Wallace Leray. 22 nov. 2018.	8:29	Este webdocumentário que discorre sobre a história do Grajaú é um dos episódios que integra o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) um projeto audiovisual denominado “Giro na Periferia” sobre empreendedores do Grajaú, desenvolvido pelos alunos Ana Beatriz, Miréia e Wallace, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade Rio Branco/SP.
1.15	“VLOG Lugares Baratos para Conhecer no Grajaú - Desafio Méliuz”.		Webdocumentário - Produtores: Ana Beatriz Felício; Miréia Lima e Wallace Leray. 22 nov. 2018.	37:00	VLOG - reportagem sobre os melhores lugares para visitar no Grajaú, lugares baratos e um passeio em um final de semana no distrito do Grajaú.
1.16	“Grajaú, um desenho de cultura”.		Publicado por NCA Núcleo de Comunicação Alternativa. 26 fev. 2018.	39:53	Complexo cultural do Grajaú. Casa de cultura acaba excluído os grupos culturais do processo.
1.17	“Documentário Grajaú conta Dandarás, Grajaú conta Zumbis”.		Publicado por Cia. Humbalada. 10 maio 2017.	53:47	Documentário realizado pelo Coletivo Sasso sobre o processo de criação do espetáculo “Grajaú Conta Dandarás, Grajaú conta Zumbis” da Cia. Humbalada. Esse projeto teve o apoio da Lei de Fomento ao Teatro da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.






Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	EMPRESA E/OU LOCAL; DIRETOR E/OU PRODUTOR - DATA-ANO	TEMPO	SÍNTESE DO CONTEÚDO
1.18	“Pagode da 27” faz roda de samba no Grajaú”.		Publicado por Jornal da Gazeta. 17 maio 2017.	3:35	O “Pagode da 27”, criado em 2005, é um grupo de sambistas que elegeu a Rua Manoel Guilherme dos Reis, conhecida como Rua 27, no Grajaú - , para se reunirem em roda de samba, aos domingos. Suas composições, baseadas na observação do cotidiano, retratam elementos culturais presentes nas periferias. A qualidade musical e a regularidade dos encontros, demarca um espaço cultural que atrai grande número de pessoas de diversas idades e regiões, favorece o encontro geracional, revela novos talentos e preserva o “samba de raiz” . Durante a “roda de samba” arrecada alimentos e agasalhos que são doados para organizações do distrito. Movimenta o comércio local - formal e informal.
1.19	“Seu bairro, nossa cidade - São Paulo – Grajaú”.		Publicado por Rádio CBN, Reportagem Joyce Ribeiro. 25 ago. 2016.	1:31	Informa que o Grajaú “é o distrito mais populoso da capital com 362 mil habitantes”. Aponta que “parte do distrito foi construída ao redor da represa Billings em ocupações irregulares que tomaram conta das áreas de proteção de manancial. Esgoto a céu aberto é lançado na represa e no verão o mau cheiro é forte”. Aponta as cobranças dos moradores para a instalação de mais postos de saúde; mais policiamento preventivo em razão do aumento de assaltos e crimes – “principalmente em ruas escuras”; mais áreas de lazer para jovens e crianças não ficarem nas ruas - locais como o CEU Navegantes; vagas em creche – “mais de seis mil e duzentas crianças aguardam vagas em creches”; falta de infraestrutura na ilha do Bororé e também da balsa que faz a travessia”.
1.20	“CRIOLO fala sobre a CULTURA no GRAJAÚ”.		Publicado por The Skateout. 13 jul. 2016.	7:54	Criolo fala sobre a força cultural do Grajaú e sua ligação com o esporte. Cita a importante transformação da Casa de Cultura em um Centro Cultural, fruto da luta de muitas pessoas. Sua referência é os anos 90 e reflete que a falta de incentivo no esporte se relaciona com a “programação” para trabalhar para os outros, mas que a luta não é em vão.
1.21	“Grajaú tem grafitejo feminista contra ‘Top 10’ e machismo”.		Publicado por Rede TVT. 25 maio 2015.	4:08	O cyberbulling virou rotina na periferia da zona sul de São Paulo e surge nas escolas. O coletivo Mulheres na Luta se mobilizou para ajudar as garotas.
1.22	“Entrevista com o grafiteiro e sócio educador do Ateliê Daki – Gelson”.		Publicado por Canal NNA - Entrevista realizada no Ateilê Daki no bairro do Grajaú na Zona Sul de São Paulo. 27 ago. 2014.	5:07	Entrevista com Gelson - grafiteiro, arte-educador, artista plástico. Informa que o Ateliê Daki é um espaço de produção, convivência artística no Grajaú, criado em meados de fevereiro de 2014 – consolidado na junção de 7 artistas e amigos, todos grafiteiros da região – que se conhecem há mais de 10 anos e utilizam o Ateliê como espaço de produção e trabalho. Na ocasião da entrevista já haviam realizado uma exposição de abertura e fariam uma exposição coletiva, na Virada Sustentável que acontece em agosto. Mantido com a venda dos trabalhos – inclusive do trabalho comercial de grafite. Boa parte dos artistas também trabalha com arte-educação. Recebem pessoas, escolas e Ongs para visitação. “O Ateliê Daki é um espaço vivo, o espaço um movimento”. “O ateliê Daki é um espaço vivo, em espaço em movimento”

Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	EMPRESA E/OU LOCAL; DIRETOR E/OU PRODUTOR - DATA-ANO	TEMPO	SÍNTESE DO CONTEÚDO
1.23	“Grajaú, Onde Minha História Começa”.	 Acesso em: 22 out 2022	Publicado por Carlos Amorim. Documentário desenvolvido pelos alunos da EMEF Padre José Pegoraro coordenado pelo Professor Carlos Amorim em parceria com Design For Change Brasil. E supervisão geral de edição de Daniel Carezzato e Pablo Mendonza. 7 dez. 2013.	15:09	“Os alunos do EMEF Pe. José Pegoraro apresentam: Grajaú, onde a minha história começa” Documentário construído em processo de criação coletiva entre outubro e dezembro de 2013. Traz entrevistas feitas pelos alunos com representantes de coletivos de artes e cultura, com agentes comunitários, funcionários da escola e finaliza com a manifestação de alegria das/dos alunas/os por integrem esse trabalho.
1.24	“História do Coletivo Expressão Cultural Periférica (ECP)”.	 Acesso em: 24 maio 2022	Publicado por Coletivo Expressão Cultural Periférica (ECP) - Grajaú – SP. Gravado 2013. Publicado 9 abr. 2016.	14:48	Documentário gravado em 2013 contando como surgiu o coletivo Expressão Cultural Periférica, que desenvolve suas ações no bairro do Grajaú, Zona Sul da cidade de São Paulo. O coletivo iniciou reunindo diversas artes/oficinas como grafite, artesanato, edição de vídeos e escrita. Fala da importância de desenvolver senso crítico nas crianças, sobre o debate dos acontecimentos da semana no espaço de convivência por eles utilizado.
1.25	“Grajaú - História do bairro de São Paulo / SP”.	 Acesso em: 04 maio 2022	Publicado por Jeferson Russel. 3 maio 2013.	26:28	Conta a história do Grajaú retratada por meio de grafites, fotografias, cartunistas, movimentos culturais, pagode da 27 e do projeto Xemalani. Os entrevistados fazem uma crítica sobre o crescimento do bairro com a apropriação do espaço vago e adensamento das construções irregulares, como alternativa ao aluguel, em contraposição a diminuição das áreas verdes. Fala do projeto VAI da Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo e o convite do CEDECA para falarem sobre as memórias pessoais dos moradores.
1.26	“Grajaú - na Boca da Belmira”.	 Acesso em: 24 maio 2022	Publicado Direção e Produção: Elisângela Duarte. 17 dez. 2012.	01:30	Vídeo reportagem retrata a dificuldade de acesso dos moradores do distrito do Grajaú/SP diante do trânsito da Av. Dona Belmira Marin. Cita esperança com o novo prefeito à época de haver proposta para melhoria do trânsito.

Elaboração: Pesquisadoras NCA-SGD/PUC-SP. Levantamento Mídias Audiovisuais

QUADRO 2 TIPO DE MÍDIA: PODCASTS – PLATAFORMA SPOTIFY

Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	EMPRESA E/OU LOCAL; DIRETOR E/OU PRODUTOR - DATA-ANO	TEMPO	SÍNTESE DO CONTEÚDO
2.1	Episódio “Na ponta do Esmeralda, um pulo no Grajaú”	 Acesso em: 8 mar. e 1 set. 2022	Publicado na Próxima Parada Podcast - Original Spotify - produzido em parceria com a Agência Mural de Jornalismo das Periferias do Brasil e em especial a região metropolitana de São Paulo. Apresentação Jovens jornalistas - Rômulo Cabrera e Gabriela Carvalho e + 70 profissionais da comunicação que vivem nas periferias. dez. 2021.	13:15	Conta a história da Escola de Samba do Grajaú. “Escola Estrela do Terceiro Milênio”. Em um diálogo com a jornalista e correspondente local Isabela Alves, o episódio apresenta diferentes personalidades que foram importantes à criação da Escola e ao desenvolvimento do trabalho social junto a comunidade, principalmente no período de pandemia.
2.2	Episódio “Estrela do 3º Milênio: a escola de samba do Grajaú”.	 Acesso em: 10 out. 2022	Publicado na Próxima Parada Podcast - Original Spotify. 28 set. 2021.	17:48	Aborda sobre o surgimento da Escola de Samba do Grajaú em 1998, traz apontamentos sobre os trabalhos sociais realizados pela Escola a partir, como cursos profissionalizantes, dentre outros. O Departamento social da escola foi criado a partir da participação de uma assistente social (Inara). Houve expansão dos trabalhos com a pandemia, provocado pelo desemprego em massa e das questões de saúde, com ampliação do trabalho coletivo. Há articulação com a rede de serviços, por intermédio de parcerias com os serviços como CRAS, CREAS, UBS, etc.
2.3	Episódio “Conheça Joseph Rodriguez, multiartista trans do Grajaú”.	 Acesso em: 10 out. 2022	Publicado na Próxima Parada Podcast - Original Spotify. 21 jul. 2021.	15:00	Apresenta um morador do Grajaú, multiartista, transmasculino negro que lançou seu primeiro single, um trap (subgênero de uma linguagem preta - hip hop/hap) que mistura batida de funk intitulado “Nóis no submundo”.
2.4	Podcast - “Quebra das ideias - Especial PCDs - #03 Como é o dia a dia de pessoas com deficiência na quebrada?”	 Acesso em: 08 março 2022	Publicado por Periferia em Movimento - produtora independente de jornalismo da quebrada sediada no Grajaú. 23 set. 2021.	4:00	Entrevista com morador Julio Machado que é cego desde o nascimento. Ele conta as dificuldades para se locomover na quebrada e o que na opinião dele poderia melhorar na questão de mobilidade.
2.5	Podcast - “O ECA Resiste! Crianças e adolescentes e os 31 anos de luta”.	 Acesso em: 8 abr. 2022	Produzido por CEDECA Cast. 30 jul. 2021.	14:00	Nos seus 31 anos do Eca foi criada a SEMANCA (Semana de Mobilização do Estatuto da Crianças e do Adolescente) com diversas atividades e de podcast por adolescentes que frequentam o Circo Social na região do Grajaú Desenvolvido por adolescentes apresentaram entrevista com Djalma Costa Diretor do CEDECA Interlagos. Ele comenta que o ECA informa as regras para que o direito das crianças e adolescentes sejam garantidos pelo Poder Público.

Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	EMPRESA E/OU LOCAL; DIRETOR E/OU PRODUTOR - DATA-ANO	TEMPO	SÍNTESE DO CONTEÚDO
2.6	Podcast - Episódio 3 – “Grajaú, identidade e afetividades”.	 Acesso em: 17 set. 2022	Publicado por CapsArtes - Centro de Arte e Promoção Social. 10 out. 2020.	20:60	Traz a história de um cenário de lutas sociais e movimentos de resistência a partir de um olhar afetivo de alguns moradores.
2.7	Podcast - Episódio 4 – “Grajaú Arte, educação e cultura”.	 Acesso em: 17 set. 2022	Publicado por CapsArtes - Centro de Arte e Promoção Social. Narração - Bia Carvallho e Livia Jacob. 17 out. 2020.	36:38	Para conhecer o Grajaú em suas questões estruturais, arte e educação através de uma linha do tempo contada a partir do olhar de duas convidadas Ana Carolina Lucas e Fátima Queiroz.
2.8	Podcast - Episódio 5 – “Depoimentos. O que o Grajaú representa prá você?”	 Acesso em: 17 set. 2022	Publicado por CapsArtes - Centro de Arte e Promoção Social Narração - Bia Carvallho e Livia Jacob. 24 out. 2020.	14:41	Depoimentos de moradores que fizeram do Grajaú a sua morada e construíram as suas histórias.
2.9	Podcast “Grajuventude reforça o funk consciente e sua democratizaçãona periferia”	 Acesso em: 17 set. 2022	Publicado no Portal Epifania – episódio 1 – “Grajuventude e a democratização do funk”, realizado por Rafael Xavier Almeida. 18 jul. 2020.	14:30	“Primeiro podcast do Portal Epifania. Esse episódio desdobrará um papo sobre a terceira edição do Grajuventude, a importância do funk consciente e o preconceito sofrido pelo gênero dentro da própria periferia”.
2.10	Podcast “Grajuventude reforça o funk consciente e sua democratizaçãona periferia”	 Acesso em: 6 set. 2022	Publicado por Instituto Claro. 21 jan. 2020.	8:16	“Um país chamado Grajaú” proposta de despertar o orgulho nos estudantes, ao tomarem contato com outras realidades da região. Um mapa interativo e digital com a história do bairro Grajaú. Realizado em 2019 pela escola EMEF Padre José Pegoraro, sob orientação do Prof. Diego Navarro. Uma cartografia afetiva. “A ideia principal é que você consiga entender o território no qual você é sujeito, a partir das relações que você trava com ele. Entender o bairro não só como um pedaço do mapa, uma construção do estado, mas sim como um lugar com o qual você se relaciona, que traz lembrança, memória, afeto mesmo”, explica.

Elaboração: Pesquisadoras NCA-SGD/PUC-SP. Levantamento Mídias Audiovisuais

QUADRO 3 TIPO DE MÍDIA: CURTA E MÉDIA-METRAGEM: OBRAS CINEMATOGRAFICAS OU VIDEOFONOGRÁFICAS

Nº	TÍTULO	LINK E DATA DE ACESSO	EMPRESA E/OU LOCAL; DIRETOR E/OU PRODUTOR - DATA-ANO	TEMPO	SÍNTESE DO CONTEÚDO
3.1	“Perifericú”	 <p>Acesso em: 23 maio 2022</p>	Trailer: Direção: Nayara Mendl/Rosa Caldeira/Stheffany Fernanda/Vita Pereira/Plataforma Catar-se/Na Quebrada festival de Cinema/2019.	1:45	“Perifericú é um curta-metragem dirigido por 4 minas das quebradas de São Paulo. O filme fala sobre ser mulher, negra e LGBT no contexto das periferias de São Paulo. A produção questiona o cinema branco, elitista, masculino e cisheteronormativo que é hegemônico, seja nos festivais, nos grandes circuitos comerciais ou na programação da televisão, dos cinemas e afins. Enquanto poucas produções nacionais tem em sua equipe travestis ou trans, o curta metragem é assinado por um trio de mulheres, que também assinam fotografia e produção - Vita Pereira, Nayara Mendl, Rosa Caldeira e Stheffany Fernanda”. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Perifericú_(filme) Acesso em: 23 maio 2022.
3.2	“Quem te Penteia? Do corte chavoso às tranças na Periferia”.	 <p>Acesso em: 23 maio 2022</p>	Realização: Zalika Produções, Programa VAI, Secretaria de Cultura de São Paulo. Diretora Nina Vieira. 25 out. 2019. (telefone disponível para contato (11) 98140 4616)	35:00	O documentário, média metragem Quem te penteia?, mostra o trabalho de cabeleireiros e cabeleireiras, barbeiros, trançadeiras nas periferias de São Paulo e Zona Central também, dentre elas o Grajaú aos 6’02 com o “Espaço Boombox”. Um casal de jovens abriu um salão para atender pessoas do bairro. Eles se conheceram em um coletivo do Grajaú e citam os outros moradores que sequer conheciam. Perceberam a importância deles devido ao incentivo às pessoas a trabalharem com o que gostam. Sonham “estourar” (crescer o negócio) por isso o nome “boom” e “box” porque seu espaço de trabalho está localizado é composto por pequenas lojas diversificadas. Também entendem que seu espaço pode ser um espaço de cultura, mas por enquanto o chamam de “experimento” devido serem novos na área de cuidados com o cabelo.
3.3	“Criolo - Duas de cinco + Cócix-ência”	 <p>Acesso em: 23 maio 2022</p>	Direção e Gravadora Oloko Records. Diretor/Roteiro: Denis Cisma. 18 mar. 2014.	9:36	O trabalho de Criolo, MC, cantor e compositor, foi realizado de forma independente com artistas voluntários e estreados na arte de atuar. Cria um ambiente futurista em que o bairro é visto de forma pessimista pelo artista haja vista o contexto de abandono observado por ele no bairro onde cresceu. Fala da violência e da forma como os moradores convivem com ela no futuro. O clipe reúne duas músicas que dão nome ao título e que mostram uma complementaridade entre si.

SOBRE O NCA-SGD

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ÊNFASE NO SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS

A política para crianças, adolescentes e jovens tem sido palco de contínuos e intensos confrontos de concepções e de práticas, especialmente em torno da doutrina de proteção integral preconizada no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Apesar dos avanços alcançados após a sua promulgação, são recorrentes e cada vez mais acentuados os movimentos com vistas a alterações e retrocessos na legislação e na política social da área em desacordo com os princípios estabelecidos na Constituição Federal e no ECA. Na perspectiva da intransigente defesa dos direitos das crianças, do/as adolescentes, do/as jovens e de suas famílias, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes se ocupa da investigação em torno das questões da área, privilegiando o Sistema de Garantia de Direitos, de modo a subsidiar as reflexões e as intervenções profissionais nos vários âmbitos do poder público e da sociedade civil.

Coordenação: Profa. Dra. Eunice Teresinha Fávero

E-mail: nucleoca2018@gmail.com

Site: <https://www.pucsp.br/nca-sgd> 

YouTube: <https://www.youtube.com/c/ncasgdpuccsp> 

Endereço: Rua Monte Alegre, 984 – 4º andar/PPGSS. Perdizes, São Paulo - SP, CEP 05014-901



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes – Ênfase no Sistema de Garantia de Direitos.

Saberes, memórias e resistências: em produções audiovisuais sobre e por pessoas do distrito do Grajaú-São Paulo. / Coord. Abigail A. de Paiva Franco /. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 88. 21 x 29,7 cm.

ISBN: 978-65-265-0491-8 [Digital]

DOI: 10.51795/9786526504918

1. Arte e cultura na periferia. 2. Saberes e memórias em audiovisuais. 3. Resistências. 4. Distrito do Grajaú/ SP. 5. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes – Ênfase no Sistema de Garantia de Direitos. I. Título.

CDD – 370

Capa e diagramação: Mariana Lucio - Jamburana Pinturas

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Coord. NCA-SGD e Projeto Integrado da Pesquisa: Eunice Teresinha Fávero

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2023

ISBN 978-65-265-0491-8

